

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Marcella Machado de Campos

**O QUE OS OLHOS NÃO VEEM, O CORAÇÃO SENTE:
DRAMÁTICAS DO TRADUTOR TÉCNICO**

MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM

SÃO PAULO

2014

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Marcella Machado de Campos

**O QUE OS OLHOS NÃO VEEM, O CORAÇÃO SENTE:
DRAMÁTICAS DO TRADUTOR TÉCNICO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva.

MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM

SÃO PAULO

2014

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva

Profª Drª Angela Brambilla Cavenaghi Themudo Lessa

Profª Drª Ana Raquel Motta de Souza

Profª Drª Sumiko Nishitani Ikeda

Profª Drª Silma Ramos Coimbra Mendes

Autorizo a divulgação do texto completo em bases de dados especializadas e a reprodução total ou parcial, por processos fotocopiadores, exclusivamente para fins acadêmicos ou científicos, desde que citada a fonte.

Dedico

Ao meu avô Brasil Augusto, que me ensinou algumas palavras em inglês, espanhol, italiano e japonês, mais do que suficientes para, por volta dos cinco anos, eu fingir que não entendia português quando passeávamos pelo comércio do bairro, o que me fazia corar e me orgulhar da minha pretensa competência linguística.

À minha avó Maria Zélia, que me chamava de Bitá Tatinha, que sempre rezava por mim – especialmente nos dias de prova de matemática, que fazia o melhor bolo de banana do mundo e que vivia dizendo para eu repartir meu cabelo de lado.

À minha tia Maria Beatriz, que me levava para comer churros e para patinar no gelo, que fazia trancinhas e as amarrava com laços de fita coloridos, que me ajudou a cortar o cabelo e a maquiá com canetinha uma boneca que minha mãe guardava desde a infância, e que me escolheu para ser madrinha da sua boneca de verdade.

Agradeço

À minha mãe, Rachel, por ter aberto mão de muito para que eu pudesse conquistar mais.

À minha afilhada, Maria Fernanda, que me inspira a ir além.

Ao Ricardo Pahl, pela sua insistência hercúlea para que eu retomasse meus estudos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, pelo exemplo constante de competência e generosidade, pelo cuidado em realizar a supervisão atenta desta pesquisa e pelo privilégio de saber que seu “minha gente” também se refere a mim.

À Profa. Dra. Tatiana Piccardi, por identificar em rascunhos mal traçados um percurso de pesquisa que afirmava ser muito fecundo e por me apresentar à Ergologia.

À Profa. Dra. Silma Mendes, por vislumbrar, sempre com muito carinho, caminhos quando e onde eu não enxergava uma saída sequer, por endossar os meus (mais loucos) sonhos e por gentilmente ter aceitado compor a banca examinadora.

À Profa. Dra. Ana Raquel Motta, pelo seu incentivo e apoio constantes – dentro e fora do meio acadêmico, por ter participado da banca de qualificação e por ter aceitado compor a banca examinadora, mesmo à distância.

À Profa. Dra. Marília Rodrigues, pela preciosa companhia ao longo de um ano de estudos e por me ajudar, de longe, a minimizar os percalços surgidos durante minha pesquisa.

À Profa. Dra. Angela Lessa, por tudo o que me ensinou sobre o papel social da Linguística Aplicada que, de certa forma, se faz presente ao longo deste estudo e por gentilmente ter aceitado compor a banca examinadora.

À colega Tamires Dártora, pelas infinitas contribuições não só para esta pesquisa, sobretudo para minha formação pessoal, e pelo suporte técnico-linguístico-emocional. Teria sido muito mais difícil sem você.

Ao colega Fábio Fonseca, pelas interferências diretas amplamente incorporadas nesta dissertação, pela habilidade de traduzir conceitos complexos em analogias (curiosas) mais fáceis de apreender e por ter participado da banca de qualificação.

À colega Jackelin Wertheimer Cavalcante, pela pessoa rara que é e por todas as Odaras e Refrescálias que ainda virão.

Ao colega Vinícius Nascimento, pelas muitas boas conversas sobre tradução e afins, e pelos muitos insights que surgiram daí.

À colega Ísis Ramanzini, pela sua doçura e leveza de pensamento.

Ao colega Milton dos Santos, pela sua delicadeza e sensibilidade em relação às minhas inquietações de pesquisadora principiante.

À colega Adriana Esteves, que nos tempos de COGEAE dizia que o mestrado não era nenhum bicho de sete cabeças. Ela tinha razão. Eram muito mais do que sete.

Aos demais colegas, pela mobilização de todos os valores sem dimensão que tão bem nos constituem como Grupo de pesquisa.

A todos os tradutores que gentilmente se disponibilizaram a figurar como atores sociais desta pesquisa. A vocês, minha eterna gratidão.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo incentivo financeiro.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é tecer comentários sobre a condição de trabalho atual do tradutor técnico no Brasil ao contemplar a atividade da tradução como dramática laboral em que o profissional é continuamente convocado a fazer escolhas e a arbitrar sua gestão segundo valores distintos e, por vezes, contraditórios. Para tanto, lança-se mão dos princípios teórico-metodológicos da Ergologia e das noções de condição de produção, primado do interdiscurso e interincompreensão regrada no âmbito da Análise do Discurso francesa. A justificativa da presente pesquisa reside no fato de haver uma carência de estudos que tratem do cotidiano do tradutor e suscitem questões sócio-históricas que estão implicadas no ofício da tradução técnica. Tendo em conta a premissa ergológica de se observar de perto o que ocorre no real da atividade, foi necessário renormalizar a aproximação da situação de trabalho do tradutor em virtude dos percalços surgidos em relação à metodologia. Para acercar-se do objeto de estudo, então, a abordagem proposta foi viabilizada por meio de um questionário, submetido a tradutores voluntários, como forma de sugerir uma reflexão sobre o que este profissional faz e como o faz com o intuito de proporcionar uma maior conscientização sobre si mesmo como trabalhador. Assim, o interesse primordial desta investigação está centrado na maneira como o tradutor desempenha sua tarefa, possibilitando vislumbrar com outros olhos sua condição na contemporaneidade, o que, em última análise, pode ocasionar um aprimoramento na qualidade dos serviços por ele prestados.

Palavras-chave: tradutor técnico, Ergologia, Análise do Discurso, Tradução

ABSTRACT

The objective of this master's dissertation is to make comments on the technical translator's present working conditions in Brazil by considering the translation activity as a labour dramaturgy in which the professional is continuously required to make choices and to weigh up his management decisions according to distinct and sometimes contradictory values. Therefore we use the theoretic-methodological principles of Ergology and the notions of producing conditions, primacy of the inter-discourse and inter-incomprehension, which is regulated in the framework of the French Discourse Analysis. The justification of the present research resides in the fact that there is a dearth of studies which deal with the translator's daily life and raise socio-historical questions that are implied in the activity of technical translation. Taking into consideration the ergologic premise, which is to closely observe what occurs in the actual activity, it was necessary to re-normalise the approximation of the situation of the technical translator's work in virtue of the difficulties which appeared with respect to the methodology. Thus, in order to approach the object of the study, the research proposal was made viable by means of a questionnaire, which was administered to voluntary translators, as a way of suggesting a reflection about what this professional does and how he/she does it with the purpose to provide a greater self-awareness as a worker. Thus our primary research interest focuses on the way in which the translator performs his/her task, that enables him/her to perceive his/her condition in the present time from a different perspective, which, in the ultimate analysis, can occasion an improvement of the quality of the services he/she renders.

Keywords: technical translator, Ergology, Discourse Analysis, Translation

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1. CONDIÇÕES HISTÓRICAS DE PRODUÇÃO	20
1.1 GÊNESE DA TRADUÇÃO NO BRASIL	21
1.2 ENTIDADES DE CLASSE E RECONHECIMENTO DA PROFISSÃO	23
1.3 A PROJEÇÃO INTERNACIONAL DO PAÍS E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A TRADUÇÃO	27
1.4 AVANÇOS TECNOLÓGICOS: DAS FERRAMENTAS CATAO GOOGLE GLASS	37
1.5 “FORMULAÇÕES-ORIGEM” NA TRADUÇÃO	41
2. IMBRICAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO	44
2.1 PROPOSTA INICIAL	50
2.2 IMPASSE ERGOLÓGICO	52
2.3 RENORMALIZAÇÃO DA PROPOSTA	56
3. PARA ALÉM DE UMA ANÁLISE	61
3.1 DO QUESTIONÁRIO	63
3.2 DO PERFIL DOS RESPONDENTES	63
3.3 DA ANÁLISE	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
ANEXO	85

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1	33
FIGURA 2	34
FIGURA 3	35
FIGURA 4	36
FIGURA 5	37
FIGURA 6	40
FIGURA 7	40

dramática | dra matika | *sf.* situação em que o indivíduo tem de fazer escolhas, ou seja, arbitrar entre valores diferentes, e, às vezes, contraditórios. Uma dramática é, portanto, o lugar de uma verdadeira micro-história, essencialmente inaparente, na qual cada um se vê na obrigação de se escolher, ao escolher orientar sua atividade de tal ou tal modo. Afirmar que a atividade de trabalho não é senão uma dramática do uso de si significa ir de encontro à ideia de que o trabalho é, para a maioria dos trabalhadores, uma atividade simples de execução, que não envolve realmente sua pessoa.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo desta dissertação é dar visibilidade ao trabalho desempenhado pelo tradutor técnico considerando a carência de estudos voltados para este profissional quando da prática do seu ofício, uma vez que grande parte dos pesquisadores da área de Estudos ou Teoria da Tradução aborda conceitos que se restringem a prescrições para a feitura da tradução e não contempla o que ocorre no real da atividade laboral. A necessidade que reforça este intuito é atestada segundo a afirmação de Benedetti (2003: 25):

“Talvez tenha chegado a hora de se começar a fazer uma análise da tradução no Brasil que leve em conta de forma mais sistemática a situação, a atuação e o modo de pensar do tradutor como indivíduo inserido num contexto psicossocial que sem dúvida influi na sua prática e nas suas interações com o mercado.”

O panorama da tradução pode ser dividido em três grandes modalidades: a literária, a juramentada e a técnica. Um breve levantamento do estado da arte dos estudos acadêmicos que se debruçam sobre a problemática da tradução aponta para uma maioria esmagadora de análises acerca da modalidade literária, muito embora isso não reflita o que ocorre nos mercados de trabalho e consumidor de tradução, uma vez que a produção de textos da modalidade técnica ocupa o primeiro lugar em termos de volume, seguida pela modalidade juramentada. Ainda que até então tenha sido pouco explorada na ciência, é sua relevância social e financeira que alça a tradução técnica ao cerne desta pesquisa. Nas palavras de Benedetti (2003: 23), a tradução técnica pode ser caracterizada como tradução-meio, corroborando a justificativa já apresentada:

“A tradução-meio é aquela feita no bojo de outras atividades; serve como instrumento para a obtenção dos fins mais diversos, entre os quais não se inclui a venda da própria tradução (seja qual for o suporte considerado), ou seja, ela não é vendida em forma de publicação, não é distribuída em forma de filme (o livro e o filme seriam exemplos de suportes físicos vendáveis). Seus custos são sempre absorvidos pela atividade mais global que lhe deu origem, são nesta “embutidos”, e seu usuário final não a “compra”, não compra o suporte no qual ela está inserida como tal, como reprodução de uma obra original. Seu usuário final compra um outro produto, do qual ela é acessório. (...) Sem dúvida essa é a tradução

numericamente mais expressiva e a que, conquanto anônima, exerce influências mais marcantes na vida cotidiana.”

O interesse em estudar a figura do tradutor técnico não é algo novo para esta pesquisadora. Formada no ano 2000 pela Universidade Presbiteriana Mackenzie no extinto curso de Letras com habilitação em tradução nas línguas inglesa/portuguesa, é desde a época da faculdade que as indagações – ou “desconforto intelectual”, termo cunhado por e emprestado de Schwartz, um dos proponentes da Ergologia, pressuposto teórico que será retomado mais adiante – em relação à desvalorização e à desqualificação da tradução técnica se fazem presentes. No contexto do bacharelado, era fácil identificar tais motivos, pois a estrutura de ensino privilegiava mais a formação em Letras e menos em Tradução como o próprio nome do curso denotava. Das trinta e seis disciplinas oferecidas ao longo de quatro anos, apenas onze eram específicas sobre tradução: Teoria da Tradução, Tradução comentada de textos de língua inglesa, Tradução comentada de textos de língua francesa, Teoria da comunicação aplicada à tradução, Ética e legislação da tradução, Prática de tradução técnica da língua inglesa, Prática de tradução técnica da língua francesa, Versão em língua inglesa, Versão em língua francesa, Prática de tradução literária da língua inglesa e Prática de tradução literária da língua francesa. As demais matérias concentravam-se em língua (portuguesa, latina, inglesa e francesa), literatura (portuguesa, inglesa e francesa), linguística, estudos literários, metodologia científica, gramática diferencial (língua portuguesa/inglesa e língua portuguesa/francesa), cultura e civilização (norte-americana, inglesa e francesa) e fonética (língua inglesa e língua francesa).

Apesar de estar claro que nenhum curso é capaz de abranger todos os aspectos relacionados à profissão que pretende formar, a crítica que aqui se apresenta é à dissonância entre o peso curricular dado à modalidade técnica e o discurso que circulava entre os docentes, fazendo ecoar, em última instância, o ethos da instituição. Conquanto apenas uma matéria trouxesse em si a rubrica “tradução técnica” – Prática de tradução técnica em língua inglesa e francesa – todos os textos de tradução (e versão) invariavelmente diziam respeito à modalidade técnica representada pelos mais variados nichos, como publicidade, jornalismo, engenharia, saúde, tecnologia, legendagem etc. Ainda assim, havia

um preconceito subliminar que perpassava a fala dos professores ao abordar a questão técnica. A impressão que se tinha era a de que se tratava de algo menor, não devendo ser almejado como meta pelos profissionais em formação. E a divergência entre o plano político pedagógico e o muitas vezes não dito dos professores ganhava mais corpo à medida que os alunos começavam a estagiar em escritórios de tradução e eram direcionados para os departamentos de tradução técnica ou juramentada, afinal, salvo raríssimas exceções, um estagiário não recebe a incumbência de traduzir uma obra literária consagrada – o máximo que se consegue no início da carreira é trabalhar na tradução de livros de autoajuda ou publicações técnicas, que passam ao largo dos cânones consagrados da literatura.

Distanciando-se do enlevo atribuído à tradução literária, a modalidade técnica pareceu a esta pesquisadora uma forma digna e tangível de começar a carreira como tradutora. E desde 1998 ela vem percorrendo esta seara ao atuar como tradutora técnica nas áreas de tecnologia da informação, localização de software, engenharia, recursos humanos, marketing e legendagem, por força das circunstâncias, demandas do mercado e certa afinidade pessoal. Nesses quinze anos de trabalho, a perspectiva de estudar o tradutor técnico para além da materialidade textual resultante do seu trabalho nunca lhe escapou. Após ter obtido o grau de bacharel, a pesquisadora concluiu alguns módulos livres de linguística e tradução, e participou de congressos sobre esses domínios. E mesmo em encontros organizados por instituições e associações ligadas à área da Tradução, a modalidade técnica ou era pouco abordada ou vilipendiada. Foi somente em 2011, no curso “Análise do Discurso: o que é, como se faz? Leitura e escrita” promovido pela Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da PUC-SP (COGEAE) e ministrado pelas professoras doutoras Tatiana Piccardi e Silma Mendes, sob coordenação da professora doutora Maria Cecília Pérez de Sousa-e-Silva, que ficou claro o caminho a trilhar. Então, em 2012, a pesquisadora decidiu ingressar no mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP passando a integrar o quadro de pesquisadores do Grupo Atelier, filiado à linha de pesquisa Linguagem e Trabalho. Dentre as especificidades que caracterizam o Grupo, ressalta-se a ênfase dada à análise das práticas de linguagem em situação de trabalho e à

convocação da Ergologia, uma abordagem multidisciplinar, para a investigação intelectual na implicatura de um espaço epistemológico e um pensamento de historicidade, uma ética e uma política, um funcionamento sinérgico dos saberes disciplinares e um problema de produção do saber (Schwartz, 1997: 22-29).

Com o propósito de, além do objetivo geral exposto inicialmente, observar o *modus operandi* do tradutor em sua prática cotidiana a fim de permitir o aprimoramento do ofício exercido pelo profissional que atua no escopo da tradução técnica, primeiro é necessário explicar a razão de situar o estudo na área da Linguística Aplicada (doravante LA), e não no âmbito dos Estudos ou da Teoria da Tradução. A LA é compreendida por Moita Lopes (2006/2008) como um processo de redescrição da vida social como ela se apresenta e de reposicionamento do sujeito. Essa proposição encontra lugar na finalidade da pesquisa já explicitada, uma vez que, por meio da descrição e compreensão da atividade de tradução no contexto contemporâneo brasileiro, o tradutor terá a oportunidade de repensar seu papel como agente social e de atribuir um novo significado à forma como desempenha seu trabalho. O questionamento do modo de fazer do tradutor vem à tona tendo em vista a LA como prática interrogadora e problematizadora, que submete a reexame contínuo não só seus construtos, como também sua atividade imbricada nas mais diversas áreas. Pode-se afirmar ainda que a LA é uma abordagem mutável e dinâmica para questões de linguagem em contextos múltiplos em vez de um método rígido, uma série de técnicas ou um corpo fixo de conhecimento. Sob tal prisma, destaca-se o valor de estudar o processo tradutório como ocupação dentro da LA exatamente pelo fato de as relações atuais de trabalho estarem cada vez mais fluidas, já não se enquadrando dentro de um limite definido. Dado à natureza contemporizadora que o estudo de caso propõe por definição, aí também se revela a pertinência de traçá-lo para circunscrever metodologicamente a pesquisa.

Neste mover, compreendendo a LA como campo de estudos que não deixa de contemplar a realidade emergente global e cogitando o trabalho do tradutor – não só técnico – como sendo diretamente afetado pelas condições sociais, políticas e econômicas, aparenta ser apropriado se valer da própria LA para contextualizar o posicionamento e o valor deste agente social no mundo pós-moderno que não para de se transformar. As noções de interdisciplinaridade e

transdisciplinaridade próprias da LA quanto à invocação de campos distintos e à busca de fundamentos e métodos em outras disciplinas evidenciam a adequação dos dois pressupostos teóricos que sustentarão a pesquisa: a Análise de Discurso de vertente francesa, que, neste caso, possibilitará o estudo dos discursos produzidos por diferentes enunciadores nos quais o tema trabalho é relevante, e a Ergologia, caracterizada como disciplina no sentido de uma norma na investigação intelectual (Souza-e-Silva, 2004: 190). Em linhas gerais, as noções de condições de produção, primado do interdiscurso e interincompreensão regrada da Análise do Discurso servirão de apoio para compor os corpora que caracterizam as circulações sobre o significado do que é ser tradutor técnico hoje, enquanto a abordagem multidisciplinar da Ergologia, por meio da investigação do trabalho do profissional da tradução segundo a acepção da linguagem relacionada ao trabalho, fornecerá subsídios que darão conta das complexidades que emergem das práticas laborais.

A preocupação com o tema verifica-se, também, pelo fato de o Ministério do Trabalho e Emprego reconhecer a tradução como profissão e regulamentá-la apenas em duas modalidades: a de tradutor público e intérprete comercial, cujo decreto data do ano de 1943¹, e a de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), conforme o item 66 da listagem das profissões regulamentadas da Classificação Brasileira de Ocupações do Portal do Trabalho e Emprego². Esta falta de regulamentação com respeito ao trabalho exercido pelos tradutores técnicos redundava em uma heterogeneidade em termos de formação e qualificação que reflete no desempenho profissional. Esta diversidade é responsável por discrepâncias basilares com referência à maneira como se trabalha, para quem se trabalha, como e quanto se cobra, entre outras questões, que concorrem para formar o imaginário coletivo sobre o tradutor técnico e perpetuam condutas enraizadas em práticas sociais cuja origem se perdeu de vista há muito tempo. Talvez seja por isso que Schön (1983) afirme que a reflexão sobre a atividade laboral assume significância relevante ao fazer com que os trabalhadores percebam os mecanismos que implicitamente os direcionam durante o

¹ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D13609.htm. Acesso em 01/07/2013

² Disponível em <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/regulamentacao.jsf#.> Acesso em 01/07/2013.

cumprimento de suas tarefas. Ao mostrar aos profissionais o que caracteriza suas rotinas de modo tácito, poderá surgir uma virada reflexiva através da qual eles deparam-se com a prática, tomam ciência de suas peculiaridades e seus comportamentos e, em última instância, conscientizam-se de seus potenciais e/ou limitações.

O primeiro capítulo desta dissertação destina-se ao levantamento das condições de produção e procura caracterizar a atividade do tradutor, que sofre transformações com o passar do tempo. Sob a perspectiva do contexto sócio-histórico, sugere-se que a tradução possa ser evocada de acordo com as categorias aventadas de *castigo*, *profissionalização*, *propaganda política*, *ferramenta* e *vanguarda* em um esforço para vincular as circunstâncias do discurso sobre a representatividade do tradutor e seu processo de produção.

O imbricamento teórico-metodológico, no segundo capítulo, dá conta da proposta inicial formulada para realizar a aproximação da situação de trabalho, do impasse ergológico surgido, que acarretou uma série de desdobramentos epistêmicos que parecem ser profícuos para a discussão do modo de fazer Ergologia no cenário brasileiro, e da renormalização de tal proposta, tendo em vista os graus de aderência que atrelam o tradutor à sua atividade. As implicações inextricáveis que dizem respeito à dificuldade de atuar como pesquisadora sem deixar de, ao mesmo tempo, ser tradutora, são contempladas como uma dupla antecipação do trabalho, pois têm interferência direta na forma como os atores sociais da pesquisa são interpelados e o corpus é examinado.

O desenvolvimento do terceiro e último capítulo gira em torno da articulação da Análise do Discurso francesa e da Ergologia. As noções discursivas de primado do interdiscurso e interincompreensão regrada são debatidas em relação às proposições ergológicas das dramáticas do uso de si, valores dimensionados e sem dimensão, e saberes investidos e constituídos por meio do estudo das respostas de tradutores anônimos, cuja participação foi voluntária, às perguntas “Qual é sua formação?”, “Há quanto tempo você trabalha como tradutor(a)?”, “Que áreas você traduz?”, “Fale sobre as vantagens e as desvantagens da profissão de tradutor”, “O que você acha das tecnologias de apoio à tradução?” e “Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela

sociedade?” que compõem o questionário de pesquisa proposto como metodologia para a constituição do corpus a ser analisado.

1. CONDIÇÕES HISTÓRICAS DE PRODUÇÃO

Segundo mencionado nas Considerações iniciais, a Análise do Discurso (doravante AD) de vertente francesa é a fundamentação teórica de base para o desenvolvimento desta pesquisa, por isso é preciso circunscrever a relação entre AD e linguagem para legitimar a escolha deste pressuposto dentro do panorama da LA, perpassando os diversos ramos que a constituem. Ao mesmo tempo formal e atravessada por embates sócio-históricos, é assim que a linguagem firma-se sob o viés da AD, que propõe tal duplicidade constitutiva. Nos idos da década de 60, na França, esta teoria se constituiu sob a rubrica Análise Automática do Discurso, pelas mãos de Pêcheux, no seio das Ciências políticas. O intuito era “teorizar como a linguagem se materializava na ideologia e como esta se manifestava na linguagem” (Orlandi, 2005). Com a obra “Gênese dos discursos” (1984/2008), Maingueneau lança-se a preencher as lacunas de análise deixadas em aberto por autores/correntes que, de algum modo, se propuseram a pensar os fenômenos discursivos: a não consideração da relação discurso/contexto histórico e a dicotomia estabelecida entre superfície/profundezas dos textos. O autor retoma, ainda, um princípio caro à AD, que é a explicitação das diversas formas de coerções a que um discurso é submetido.

Estabelecendo uma relação entre AD e a figura do tradutor, cita-se novamente Benedetti (2003: 30):

“Terá sem dúvida consequências extremamente perniciosas a insistência em tratar a língua como realidade autônoma, sujeita apenas a leis intrínsecas, sem considerar o influxo que exercem constantemente sobre ela ideias, ideais e ideologias, sem considerar o tradutor (= autor da tradução) como uma das portas de entrada da cultura estrangeira, através de sua língua.”

Por tratar-se de uma disciplina interpretativa que concebe o discurso como um objeto heterogêneo e efêmero que recupera continuamente outros discursos, remetendo a outras vozes – noção esta chamada interdiscurso recuperada com detalhes no terceiro capítulo desta dissertação, a opção pela AD francesa pareceu apropriada para a finalidade desta dissertação que, conforme já indicado, é dar visibilidade ao trabalho desempenhado pelo tradutor técnico. Logo, para este estudo, importa determinar até que ponto os fatores sócio-históricos operam

como uma restrição sobre o discurso por meio de sua circulação ou interpretação, além de promover uma reflexão sobre os modos de inscrição do sujeito – no caso, o tradutor, em seu discurso. Através da análise possibilitada pela metodologia desenvolvida para esta pesquisa, que será apresentada no próximo capítulo, pretende-se cartografar os vários dizeres sobre este profissional. Para tal, as noções de interdiscurso, interincompreensão regrada e condições de produção da AD embasarão a investigação.

No presente capítulo, o enfoque restringe-se às condições de produção (doravante CP). As demais noções serão tratadas na última parte da dissertação, destinada à análise propriamente dita. As CP – ou o contexto sócio-histórico de um modo mais geral – são essencialmente dados encontrados na circulação cotidiana do que se fala sobre determinado assunto que, quando levantados a partir de critérios de homogeneidade espaço-temporal, constituem o corpus discursivo para o objeto de uma investigação específica. Tais dados operam como “freios para a divagação sem sentido, descontrolada” (Possenti, 2009: 29) do analista do discurso, impedindo que ele invente seu objeto e limitando a digressão acerca do tema a fim de assegurar consistência e lastro à pesquisa. Como pano de fundo dos discursos, as CP fazem emergir os dispositivos que permeiam veículos específicos em momentos específicos, por motivos igualmente específicos. E é por meio das CP que surge a chance de analisar o porquê de tais especificidades. Além do mais, as CP são elementos de filtragem que partem de um panorama universal do discurso e dele extraem o campo de referência a ser trabalhado, auxiliando na circunscrição do corpus. Para tanto, pontua-se, a seguir, cinco momentos a partir dos quais é possível observar como circulam os discursos sobre o que é fazer tradução e como esta percepção modifica-se, se não no todo, pelo menos em parte, ao longo do tempo.

1.1 GÊNESE DA TRADUÇÃO NO BRASIL

Os séculos iniciais pós-descobrimto do Brasil foram marcados por interpretações, ou seja, traduções orais, realizadas pelos mais diferentes indivíduos nas mais variadas situações, desde o primeiro contato dos colonizadores portugueses com a população indígena nativa, ao trabalho de

catequização dos jesuítas e aos degredados e párias que comutavam suas penas em troca de serviços como linguistas, ou línguas, como eram chamados na época. Esse dado deixa claro o cunho religioso dos primeiros trabalhos de tradução e o status de menor importância que a tradução então ocupava, visto que a tarefa era empreendida pela camada marginalizada da sociedade (Wyler, 2003: 37). A tradução, daí, poderia ser considerada como *castigo*. Não é difícil imaginar quão delicada era esta questão, pois as classes mais abastadas e socialmente bem posicionadas da população tinham de recorrer a contraventores para fazer a interface com a cultura local. Esta ancestralidade da profissão do tradutor em solo nacional inicialmente sob a forma de punição remonta ao legado da danação de Babel. No Gênesis, o primeiro livro da Bíblia cristã, os versículos 1 a 9 do Capítulo 11 relatam a história de Babel: diante do desejo dos habitantes da região de Senaar de construir uma torre cujo topo alcançaria o céu para sua glória e reconhecimento, Deus pune tal soberba confundindo a língua falada pelos homens e dispersando-os por toda a terra. Como já não podiam mais se entender, os homens foram obrigados a se espalhar e a edificação da torre e da cidade ao redor dela foi interrompida em definitivo. A unidade linguística só foi restabelecida no chamado milagre das línguas, no Pentecostes, quando, pela intercessão do Espírito Santo, os homens, tomados pelo amor de Deus, passaram a falar das maravilhas do Senhor nas mais variadas línguas de modo que todos pudessem compreender uns aos outros.

No Brasil, dentre os muitos fatos que contribuíram para a consolidação do português como idioma nacional e a consequente necessidade de tradução, destacam-se o influxo dos navios negreiros da África no período colonial e os imigrantes de diferentes nacionalidades advindos da Europa e da Ásia que adentraram o país em maior número a partir de 1808, com a abertura dos portos e a concessão de terras a estrangeiros. Do ponto de vista da legislação, a primeira Assembleia Constituinte Brasileira, em 1823, escolheu o português como língua nacional oficial e o Código Civil Brasileiro, em 1916, assegurou a continuidade da profissão de tradutor, sustentando a exigência de os documentos em língua estrangeira serem traduzidos, no entanto, até então, não havia nenhuma medida concreta por parte do governo federal em termos de reconhecimento ou regulamentação da categoria.

1.2 ENTIDADES DE CLASSE E RECONHECIMENTO DA PROFISSÃO

No ano de 1943 é promulgado um decreto³ regulamentando o exercício da profissão de tradutor público e intérprete comercial, popularmente conhecido como tradutor juramentado ou tradutor oficial, dando lugar à designação anterior de tradutor jurado de praça e intérprete da nação. A primeira organização de profissionais da tradução foi fundada em 1974 e recebeu o nome de Associação Brasileira de Tradutores (doravante Abrates), tendo um papel significativo por mais de uma década ao reunir tradutores dos mais diversos ramos, além de promover congressos e assembleias de discussão. Em novembro de 1988, graças ao status de reconhecimento alcançado pela profissão do tradutor junto ao Ministério do Trabalho e Emprego, foi possível constituir o Sindicato Nacional dos Tradutores (doravante Sintra) que representa oficialmente a categoria. Após uma atuação tímida nos anos 80 em virtude da recessão econômica, a Abrates recobrou as forças como tradicional associação de profissionais, permanecendo ativa na realização de encontros e promoção de exames de credenciamento que atestam a excelência de tradutores e intérpretes.

Esses fatos das esferas social, jurídica e legislativa denotam uma evolução da carreira do tradutor sob a letra da lei, fazendo com que a tradução tenha deixado de ser percebida como *castigo* para, então, ser conjecturada como *profissionalização*, embora seja de suma importância mencionar que a profissão, com exceção das categorias de tradutor público e intérprete comercial, e de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), ainda não é legalmente regulamentada, sendo apenas reconhecida. O endereço eletrônico do Ministério do Trabalho e Emprego⁴ conta com uma lista de ocupações agrupadas pelas semelhanças de um domínio de função. A descrição sumária que representa a categoria dos filólogos, intérpretes, linguistas e tradutores é a seguinte:

³ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D13609.htm. Acesso em 01/07/2013.

⁴ Disponível em <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em 01/07/2013.

Traduzem, na forma escrita, textos de qualquer natureza, de um idioma para outro, considerando as variáveis culturais, bem como os aspectos terminológicos e estilísticos, tendo em vista um público-alvo específico. Interpretam oralmente, de forma simultânea ou consecutiva, de um idioma para outro, discursos, debates, textos, formas de comunicação eletrônica e linguagem de sinais, respeitando o respectivo contexto e as características culturais das partes. Tratam das características e do desenvolvimento de uma cultura, representados por sua linguagem; fazem a crítica dos textos.

Neste excerto estão claras não só as atribuições previstas no trabalho desenvolvido pelo tradutor, mas também a responsabilidade de fomento e difusão de culturas, costumes e hábitos conferida a este profissional, contudo, a não regulamentação do trabalho exercido pelo tradutor está diretamente relacionada à falta de exigência de uma formação específica desses profissionais, muito embora haja cursos superiores de especialização em tradução em níveis de graduação e pós-graduação. Além da falta de regulamentação da carreira, da aparente flexibilidade e informalidade de várias atividades de tradução, que muitas vezes servem como complementação de renda para alguns profissionais, e da dispersão geográfica que caracteriza os indivíduos que desempenham este trabalho de maneira individual e remota, há a questão da (in)visibilidade. Paradoxalmente constituído, o tradutor transita entre a visibilidade, em caso de reprovação ou consagração de seu trabalho, e a invisibilidade, graças à sua própria competência.

O fenômeno da invisibilidade do tradutor deve-se, segundo Venuti (1995/2008: 1), à fluência conferida por ele mesmo ao seu texto, ou seja, parece haver um contrassenso inerente a essa atividade de trabalho no sentido de que quanto mais fluente e inteligível é o texto, mais invisível o profissional torna-se. E no caso da tradução-meio, objeto desse estudo, ela é, em geral, anônima, reiterando a posição do tradutor como sujeito invisível. Ainda que o solicitante da tradução reconheça sua competência, isso não acontece no domínio coletivo, fazendo com que o tradutor compulsoriamente assuma a invisibilidade como parte integrante do seu estatuto social. Salvo os comentários explicativos, chamados notas de rodapé, do tradutor ou de pé de página, serem característicos das traduções-fim (majoritariamente literárias) – em virtude da natureza do seu campo, é raro que as traduções-meio tragam notas desse tipo – e, conforme já mencionado, o trabalho desenvolvido pelos tradutores literários (e juramentados)

não constitui objeto de análise dessa pesquisa; o que interessa é atentar para como a identidade do tradutor emerge através de tais notas como mais uma maneira de atestar as condições de produção dos discursos que circulam a esse respeito.

Por meio da articulação da AD e dos processos tradutórios, Mittmann (2003: 109) mostra que “as condições sócio-históricas de produção deixam de ser alheias, fora do texto, para serem constitutivas e para inscreverem-se no próprio texto, intervindo na própria textualidade”. É através do panorama que a autora apresenta sobre o uso apropriado ou indevido das notas do tradutor (doravante N.T.) previsto em três perspectivas teóricas distintas, que o tradutor emerge. À primeira perspectiva pertencem os indivíduos que “consideram as N.T. como um recurso auxiliar para a compreensão do leitor da tradução. Na segunda perspectiva, aqueles que consideram as N.T. como um lugar privilegiado para analisar-se o papel do tradutor” (p. 114). A terceira perspectiva não se opõe às duas anteriores, sendo “uma experiência própria de produção da tradução e das N.T.” (p. 114). A asserção de Venuti (1988/2002: 47) de que a inclusão de notas do tradutor (ou de rodapé, como ele diz) “pode restringir o público doméstico a uma elite cultural, visto que as mesmas fazem parte de uma convenção acadêmica” enquadra-se na primeira perspectiva contemplada por Mittmann (2003), com a qual assentem os teóricos conservadores da tradução que veem as notas como uma intervenção indesejada a ser evitada sempre que for razoável. Quem encara o ofício de traduzir como um processo do qual o tradutor é agente ativo, e não somente um mediador de conteúdo, enxerga as notas como um dispositivo que permite que o profissional desta área desvende-se publicamente pela subjetividade mostrada e marque sua presença no intrincado encadeamento textual que ele costura.

No ano de 1921, Benjamin (1892-1940) tece comentários a respeito das incumbências da tradução no ensaio “A tarefa do tradutor”. Nele, o pensador afirma que essa tarefa é própria de quem a empreende e “consiste em encontrar na língua para a qual se traduz a intenção a partir da qual o eco do original é nela despertado” (p. 112). A obra “Escola de Tradutores” escrita em 1952 pelo tradutor e professor Paulo Ronái (1907-1992), conceituada como seminal nas áreas de Estudos e Teoria da Tradução por representar um marco na literatura brasileira se

propondo a refletir sobre o ato tradutório, foi responsável pela formação de muitos profissionais que buscavam respostas sobre como proceder nas mais variadas situações. No capítulo intitulado O papel do tradutor, Ronái lista os traços essenciais que definem tal função. Entre eles está a proibição de o tradutor expressar-se por livre e espontânea vontade, estando suas atribuições delimitadas pelo texto a ser traduzido e pela língua de chegada. Outra missão do tradutor seria desvendar os segredos desta arte empírica, que só poderia ser aprendida na prática, ou seja, traduzindo.

Tanto para Benjamin quanto para Ronái, o trabalho do tradutor estava na busca incessante pela sua própria teoria, uma vez que não era possível estabelecer um modelo a ser seguido que fizesse sentido para todo e qualquer profissional, de modo indistinto. Há de se acrescentar que ambos os autores, produtos de épocas em que o paradigma epistemológico dominante baseava-se no Positivismo, encaravam o processo tradutório como transposição de conteúdo no sentido lato de passagem da língua de partida para a língua de chegada, línguas estas estáticas e, portanto, idealizadas. Embora obviamente datado, o volume de Ronái traz achados que se mostram verdadeiros até os dias atuais, como no que diz respeito aos tipos de tradutores que pululam no mercado – os maus (primeira categoria), os medíocres (segunda categoria) e os bons (terceira categoria), de acordo com o autor:

“Os da primeira categoria são aqueles que julgam saber traduzir só por entenderem (Deus sabe como) um romance escrito em francês ou inglês. Trabalham sem dicionários e sem escrúpulos, ditando a tradução a uma datilógrafa sem sequer revê-la depois (a tradução, não a datilógrafa), e entregam o trabalho em tempo recorde.” (p. 43)

“Os profissionais da segunda categoria conhecem bem melhor a língua do original, mas não têm noção exata dos limites do próprio conhecimento. Em último recurso admitem a consulta ao dicionário, mas não desconfiam das armadilhas escondidas às vezes no texto mais fácil e aparentemente inócuo.” (p. 44)

“Quanto à terceira categoria, compreende não os profissionais que nunca incidiram em tais erros, pois deles ninguém está livre, mas aqueles que, depois de terem corado ao descobrir alguns deles em suas primeiras traduções, tomam todo o cuidado para não reincidir.” (p. 45)

Essa particularização de arquétipos segundo seus comportamentos certamente contribuiu para moldar a forma como o tradutor deste campo fora visto

durante anos – e talvez ainda seja. Em outra passagem, Ronái critica a conduta dos tradutores dizendo que seria dada importância expressiva à categoria somente quando seus representantes encarassem com responsabilidade as tarefas que lhes atribuíam e adquirissem consciência profissional, que era incipiente. Uma crítica contundente como essa direcionada a colegas de ofício expunha práticas laborais precárias e elucidava a fragilidade dos bastidores do mercado consumidor de tradução, todavia era, sim, possível pensar na tradução já como *profissionalização*, e não mais como *castigo*.

1.3 A PROJEÇÃO INTERNACIONAL DO PAÍS E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A TRADUÇÃO

A edição especial sobre Tradução e Linguagem da Revista Língua, lançada no primeiro semestre de 2012, faz um levantamento das circunstâncias nas quais o tradutor está inserido atualmente. De acordo com a publicação, “o bom momento econômico vivido pelo Brasil, aliado à visibilidade internacional e à perspectiva de eventos esportivos, aquece o segmento de tradução” (p. 6). Esta afirmação explicita o discurso de valorização da atividade tradutória como força-motriz para a divulgação da cultura e das relações comerciais entre os países. Em termos econômicos, a edição apresenta também dados da consultoria norte-americana Common Sense, voltada para pesquisas mercadológicas, que atestam um crescimento de 57,3% no mercado da tradução entre os anos de 2009 e 2011, com arrecadação estimada em até US\$ 18 milhões ao fim deste período. Esse montante é bastante significativo, ponderando-se que a maior parte das agências de tradução é de porte micro ou pequeno. A edição 85 do mesmo periódico traz uma nota informando sobre o recorde em número de versões estrangeiras para obras de autores nativos. A mola propulsora para tal feito foi a participação do Brasil como convidado de honra na Feira Literária de Frankfurt realizada no período de 9 a 13 de outubro de 2013. Entre os meses de julho e outubro de 2011, 141 traduções novas foram aprovadas pelo programa de apoio à tradução e publicação de escritores nacionais no exterior da Fundação Biblioteca Nacional,

correspondendo a 80% do total de bolsas de tradução que haviam sido concedidas nas duas décadas anteriores.

A figura do tradutor e a atividade por ele desenvolvida vêm ganhando, assim, destaque e embora essa notoriedade nem sempre seja em virtude de um triunfo, pode-se cogitar a tradução como *propaganda política*. Ora, se o Brasil está investindo para receber e participar de eventos de magnitude global, a qualidade das traduções que viabilizam as relações internacionais é um dos cartões de visita que atesta o nível de organização e preparo do país. Em meio às várias repercussões que têm sido veiculadas na imprensa desde as primeiras negociações entre o governo brasileiro e a Federação Internacional de Futebol (doravante Fifa) para a realização no Brasil da Copa das Confederações em 2013 e da Copa do Mundo em 2014, há uma série de reportagens que expõem, ainda que anonimamente, o trabalho dos tradutores que prestam serviços para órgãos oficiais. Deixando de lado as críticas ao modelo nacional de administração pública do governo brasileiro que possam ser feitas, as falas de Venuti (1988/2002) parecem se adequar à questão:

“A autoridade de qualquer instituição que depende de traduções está sujeita a escândalo, porque seus efeitos, um tanto quanto imprevisíveis, ultrapassam os controles institucionais que normalmente regulam a interpretação textual (...). As traduções estendem os usos possíveis de textos estrangeiros entre públicos diversos, baseados ou não em instituições, produzindo resultados que podem ser tanto destruidores quanto surpreendentes.” (p. 132)

“Qualquer avaliação de um projeto tradutório deve incluir uma consideração das estratégias discursivas, dos seus cenários institucionais e suas funções e efeitos sociais.” (p. 156).

Ao analisar cinco dos problemas surgidos desde o início de 2012, vê-se que a autoridade das instituições envolvidas estremece, conforme explicitado pela citação anterior, fazendo com que haja a necessidade de se adotar medidas para contornar os impasses que surgem como consequência, o que acaba por arranhar a reputação dos tradutores em geral. O primeiro problema apontado circulou em 31/01/2012 e intitula-se “Erro de tradução de lista de exigências irrita

a Fifa e trava a Lei Geral da Copa”⁵. A matéria informa que a tradução para o português da Garantia número 10, que consta no Caderno de Garantias e Responsabilidades assinado pelo Brasil, “teria ‘abrandado’ as obrigações do governo, comparando com o que estava escrito na versão original, em inglês, apresentada pela Fifa a todos os países então candidatos a sediar o evento”. O trecho que gerou discórdia está destacado em negrito no original e na tradução abaixo:

<i>Original em inglês</i>	<i>Tradução oficial em português</i>
<p>“In the event that the Bid LOC established by the Confederação Brasileira de Futebol (CBF) is selected by FIFA to host and stage the 2013 FIFA Confederations Cup and the 2014 FIFA World Cup (the “Competitions”), we hereby represent and guarantee to FIFA, and will ensure to indemnify FIFA and its representatives, employees and advisors and defend and hold them harmless against all proceedings, claims and related costs (including professional advisor’s fees), which may be incurred or suffered by or threatened by others against FIFA and its representatives, employees and advisors in relation to the organization and staging of the 2014 FIFA World Cup.”</p>	<p>“Na hipótese da candidatura brasileira (...) ser a escolhida pela Fifa para sediar a Copa (...), <i>afirmamos e garantimos à Fifa que tomaremos, no exercício de nossas competências constitucionais e legais, todas as providências necessárias no sentido do Brasil assegurar indenização à Fifa e seus representantes, empregados e consultores, bem como defendê-los e colocá-los a salvo de todos os custos com processos, reivindicações e custos afins (bem como honorários advocatícios)</i> que possam ser incorridos ou sofridos ou ameaçados por outros contra a Fifa e seus representantes, empregados ou consultores com relação à organização da Copa do Mundo da Fifa de 2014.”</p>

⁵ Disponível em <http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2012/01/31/brasil-abranda-obrigacoes-do-governo-em-traducao-de-documento-e-trava-lei-geral-da-copa.htm>. Acesso em 31/01/2012.

A reportagem consultou a tradutora Flávia Ferreira que reescreveu a tradução a partir do original, conforme a seguir.

<i>Original em inglês</i>	<i>Tradução de Flávia Ferreira</i>
<p>“In the event that the Bid LOC established by the Confederação Brasileira de Futebol (CBF) is selected by FIFA to host and stage the 2013 FIFA Confederations Cup and the 2014 FIFA World Cup (the “Competitions”), we hereby represent and guarantee to FIFA, and will ensure to indemnify FIFA and its representatives, employees and advisors and defend and hold them harmless against all proceedings, claims and related costs (including professional advisor’s fees), which may be incurred or suffered by or threatened by others against FIFA and its representatives, employees and advisors in relation to the organization and staging of the 2014 FIFA World Cup.”</p>	<p>“Na hipótese da candidatura brasileira (...) ser a escolhida pela Fifa para sediar a Copa (...), declaramos e nos responsabilizamos perante a Fifa, garantindo indenização à Fifa e seus representantes, funcionários e conselheiros, bem como a defendê-los e mantê-los imunes em qualquer processo, reclamação e custos relacionados (incluindo quaisquer honorários profissionais), que podem ser incorridos ou sofridos por ou ameaçados por outros contra a Fifa e suas representantes, funcionários e conselheiros em relação à organização e realização da Copa do Mundo da Fifa.”</p>

Segundo Ferreira, “a principal diferença entre o texto assinado pelo Brasil e a versão em inglês é a inclusão, no texto em português, da ressalva de que o Brasil garantirá indenização perante a Fifa ‘no exercício de nossas competências constitucionais e legais’”.

<i>Tradução oficial em português</i>	<i>Tradução de Flávia Ferreira</i>
<p>“Na hipótese da candidatura brasileira (...) ser a escolhida pela Fifa para sediar a Copa (...), <i>afirmamos e garantimos à Fifa que tomaremos, no exercício de nossas competências constitucionais e legais, todas as providências necessárias no sentido do Brasil assegurar indenização à Fifa e seus representantes, empregados e consultores, bem como defendê-los e colocá-los a salvo de todos os custos com processos, reivindicações e custos afins (bem como honorários advocatícios)</i> que possam ser incorridos ou sofridos ou ameaçados por outros contra a Fifa e seus representantes, empregados ou consultores com relação à organização da Copa do Mundo da Fifa de 2014.”</p>	<p>“Na hipótese da candidatura brasileira (...) ser a escolhida pela Fifa para sediar a Copa (...), declaramos e nos responsabilizamos perante à Fifa, garantindo indenização à Fifa e seus representantes, funcionários e conselheiros, bem como a defendê-los e mantê-los imunes em qualquer processo, reclamação e custos relacionados (incluindo quaisquer honorários profissionais), que podem ser incorridos ou sofridos por ou ameaçados por outros contra a Fifa e suas representantes, funcionários e conselheiros em relação à organização e realização da Copa do Mundo da Fifa.”</p>

O secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke, declarou seu descontentamento com o ocorrido e afirmou que a entidade não arcaria com possíveis danos causados por desastres naturais ou pela falta de segurança do país-sede, responsabilidades estas que podem ser subentendidas pela inclusão do trecho que Ferreira observou. Ainda que tais “competências constitucionais e legais” assegurem ao Brasil o direito de se isentar quanto a eventuais prejuízos decorrentes de casos fortuitos ou de força maior, o fato é que se lançou mão de um subterfúgio na tradução, colocando em cheque o conteúdo do original em relação ao traduzido.

O segundo caso diz respeito às matérias veiculadas na semana de 05/03/2012 sobre as críticas que Valcke fizera por causa dos atrasos nas

construções e reformas dos estádios brasileiros. O secretário-geral da Fifa chegou a afirmar que o país merecia o que foi traduzido como “um chute no traseiro”. A manchete do caderno de Esportes do site do Estadão, “Valcke culpa tradução por polêmica com o governo brasileiro sobre a Copa”⁶, chama atenção para a responsabilidade que se atribui à tradução quando um dos enunciadores vê problemas em assumir o que foi dito. Uma enunciação espontânea em um contexto de relações internacionais onde os interesses de grandes instituições estão em jogo pode comprometer a face⁷ alheia e expor divergências que, de outro modo, teriam sido conciliadas. Como consequência imediata a este pronunciamento de Valcke, o ministro do Esporte, Aldo Rebelo, protocolou uma solicitação junto à Fifa pedindo o afastamento do secretário-geral como interlocutor. Caos diplomático instaurado, o secretário-geral desculpa-se por meio da carta a seguir.

⁶ Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,valcke-culpa-traducao-por-polemica-com-governo-brasileiro-sobre-a-copa,844395,0.htm>. Acesso em 05/03/2012.

⁷ Na obra *Análise de Textos de Comunicação* (2000/2013), Maingueneau, ao afirmar que a comunicação verbal é, também, uma relação social e, portanto, está submetida a normas de polidez, aborda a noção de preservação das faces elaborada por P. Brown e S. Levinson, inspirados em Goffman. Aqui o que interessa ressaltar é que “como uma mesma fala pode ameaçar uma face com o intuito de preservar uma outra, os interlocutores são constantemente levados a buscar um acordo, a negociar. Eles devem efetivamente procurar um meio de preservar suas próprias faces sem ameaçar a de seu parceiro” (p.42) .



Ao defender-se de sua desatenção, Valcke lamenta que a expressão tenha sido traduzida “usando palavras muito mais fortes”. No entanto, de acordo com a reportagem veiculada pelo portal de notícias Uol, “Jornalista diz que entrevista foi em inglês e que Valcke mentiu sobre tradução”⁸, a tentativa de apaziguar os ânimos foi frustrada, pois quem estava presente na coletiva quando da declaração confirmou que a frase havia sido pronunciada em inglês, “kick up in the backside”, expressão conotativa que não dá margem para traduções ainda mais enfáticas do que a própria enunciação pretende ser.

⁸ Disponível em <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2012/03/06/jornalista-diz-que-entrevista-foi-em-ingles-e-que-valcke-mentiu-sobre-traducao.htm>. Acesso em 06/03/2012.

Os três últimos casos referem-se a erros flagrantes que aparecem em diferentes placas instaladas em virtude de melhorias realizadas no Brasil para receber os eventos esportivos internacionais. A edição on-line⁹ do jornal britânico Daily Mail publicou a matéria em 05/04/2013 intitulada “£195m World Cup stadium or a confusing maze? Brazil’s Fonte Nova exit signs labelled ‘entrace’ (sic) in English” (Estádio de 195 milhões de libras ou um labirinto confuso? As placas de saída da Fonte Nova no Brasil indicam ‘entrace’ (sic) em inglês). Logo abaixo da manchete, lê-se “English-speaking football fans should expect chaos in Brazil next year if a sign at a newly-unveiled World Cup stadium is anything to go by” (Torcedores que falam inglês devem esperar o caos no Brasil no ano que vem caso uma placa em um estádio da Copa do Mundo recém-inaugurado sirva como indicação). A perplexidade do jornal reside no fato de haver, em uma só placa, dois erros. Em português, a indicação que se vê é “Saída”, portanto seu correspondente em inglês deveria ser “Exit”; em vez disso, tem-se “Entrace”, que é a grafia incorreta da palavra “Entrance”, ou “Entrada”. A foto a seguir mostra claramente uma das placas em questão:



⁹ Disponível em <http://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-2304474/Brazil-World-Cup-stadium-officially-opened-exit-sign-points-entrance.html>. Acesso em 05/04/2013.

Em 11/06/2013, a matéria “Tradução para inglês em placa de Brasília manda turista para lugar errado”¹⁰ mostra equívocos nas informações destinadas à orientação de quem visita a capital do país. No caso, há um desencontro de “Setor Hoteleiro Norte” em português e “Southern Hotel Sector” em inglês, que deveria ter sido traduzido como “Setor Hoteleiro Sul”, mas não é o que se vê:



A assessoria de imprensa da Secretaria Extraordinária para a Copa de 2014 do Distrito Federal declarou que esta placa foi a única a apresentar erro dentre um total de 30 placas e 47 semipórticos instalados que, junto com mais 500 placas na região central de Brasília, custaram R\$ 930 mil aos cofres do governo. À época da reportagem, várias placas na cidade, como a da foto seguinte, haviam sido cobertas até que os erros fossem corrigidos, o que acaba dando a impressão de que os locais escolhidos para a implementação de melhorias formam um grande canteiro de obras, onde tudo é feito pela metade:

¹⁰ Disponível em <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/11/traducao-para-o-ingles-de-placa-em-brasilia-manda-turista-para-o-lugar-errado.htm>. Acesso em 11/06/2013.



A última matéria¹¹ que compõe esta seção foi veiculada em 24/06/2013 com a manchete “Aeroportos pelo Brasil derrapam na tradução e confundem turistas”. Em plena Copa das Confederações, os estrangeiros que passaram pelo Aeroporto Internacional de Brasília enfrentaram transtornos na tentativa de localizar os portões para embarcar em voos domésticos como mostra a imagem. Enquanto lia-se em português “PORTÕES A a H”, a tradução para o inglês indicava “Gates A and H” (Portões A e H), quando o correto seria “Gates A to H”. Esse erro fez com que muitos turistas percorressem o aeroporto em vão em busca dos portões B, C, D, E, F e G. Ao lado desse erro, na mesma placa, também era possível ver as informações “PORTÕES 5 a 7” e seu par em inglês “GATES 5 to 7”, desta vez traduzido corretamente.

¹¹ Disponível em <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/24/aeroportos-pelo-brasil-derrapam-na-traducao-e-confundem-turistas.htm>. Acesso em 24/06/2013.



Apesar de não ser o caso de imputar culpa ao responsável por esses problemas – sejam eles de tradução, de digitação ou de confecção das placas, a falta de organização e preparo no desenvolvimento de um projeto de tradução de amplitude nacional são nítidas. A tradução como *propaganda política* repercute, aqui, de modo negativo, comprometendo a imagem do país projetada no cenário global e influenciando desfavoravelmente o imaginário a respeito do tradutor que permeia a opinião pública.

1.4 AVANÇOS TECNOLÓGICOS: DAS FERRAMENTAS CAT AO GOOGLE GLASS

Na década de 80, o mercado global abre as portas à comercialização dos primeiros softwares voltados para a área de tradução, porém, esta novidade, à

época, não representou um divisor de águas para o setor, uma vez que sua utilização era restrita em virtude dos custos altos e de nem todas as traduções serem realizadas por meio do computador. O objetivo primordial destes softwares, ou *CAT Tools* (*Computer assisted/aided translation tools*, ou ferramentas de tradução assistida por computador), como são chamados, é facilitar o processo – complexo, dispendioso e lento – da tradução. Isso é viabilizado por meio do processamento do texto da língua-fonte com base em uma memória que funciona de maneira semelhante a um banco de dados. E é nessa memória que o texto da língua de chegada é armazenado à medida que a tradução é realizada. A grande vantagem do uso desse tipo de ferramenta é a economia de tempo e de dinheiro gerada, pois o tradutor só traduzirá o que for 100% novo em um determinado projeto, tendo à sua disposição a memória alimentada por trabalhos anteriores, memória esta que pode ser agrupada segundo diversos critérios, como tipo de cliente, de assunto etc. Portanto, o que já tiver sido traduzido em um projeto anterior é reaproveitado na forma de repetição.

Na virada do milênio, estas ferramentas proliferaram-se em termos de oferta e causaram desconforto entre tradutores mais experientes e, por vezes, mais conservadores. Havia uma inquietação em suspenso e não raro ouvia-se a pergunta “será que o tradutor vai ter trabalho amanhã?”. Neste cenário, a mão de obra novata passou a ser valorizada, já que, em geral, os mais jovens têm mais afinidade e menos resistência a experimentar outros modos de trabalhar. Hoje, mais de uma década depois do “boom” das ferramentas *CAT*, a esmagadora maioria dos tradutores técnicos usam-nas com certa habilidade, não que isso sempre ocorra por sua livre e espontânea vontade. As agências de tradução, que atuam como intermediários entre o tradutor e o cliente, e mesmo clientes que possuem uma demanda grande de tradução e, por isso, contratam diretamente os tradutores para prestação de serviços ou mantêm departamentos internos de tradução, atribuem projetos para serem realizados em determinadas ferramentas *CAT*. Isso exige que o tradutor aprenda a utilizar a ferramenta em questão. Para tal, há treinamentos formais via cursos on-line e presenciais, contudo o mais habitual é o uso de fóruns e canais de vídeos na Internet, como o YouTube, para que o tradutor obtenha instruções sobre como proceder com um mecanismo cuja operação desconhece.

Benedetti (2003: 20) alerta que uma das consequências do uso exploratório dos programas de auxílio de tradução é “a queda do valor monetário atribuído a uma atividade cujo valor intrínseco se reduziu por força das circunstâncias”. Neste sentido, a tradução pode ser vista como *ferramenta* porque muito além do conhecimento linguístico e cultural que o tradutor deve ter, também é preciso destreza e domínio no uso de softwares de tradução como uma forma de assegurar que ele mantenha seu fluxo de trabalho e esteja antenado com as últimas novidades que o mercado desenvolve. As circunstâncias sociais exigem que o tradutor adapte-se e sua remuneração é, então, calculada mais em relação ao processamento e à manipulação que ele faz do conteúdo, e menos quanto à compreensão e à reflexão exigidas para a feitura de uma tradução de qualidade. É importante ressaltar, ainda, que as ferramentas *CAT* não são ferramentas de tradução automática estatística, tendo o Google Tradutor como seu maior expoente hoje. A revista Língua Portuguesa, em sua edição número 80, conta que o volume de traduções diárias processadas por esse software on-line, à época do seu sexto aniversário, equivalia à quantidade que todos os tradutores profissionais humanos seriam capazes de traduzir em um ano. Isto se justifica pelo paradigma atual em que o montante de informações que circulam é cada vez maior e as fronteiras linguísticas têm de ser transpostas com mais rapidez para garantir a continuidade do acesso ao novo da forma mais imediata possível.

Na esteira das interações instantâneas e efêmeras, o *Glass*, próximo lançamento do Google previsto para chegar ao país em 2014, promete revolucionar o padrão dos comportamentos sociais. Pertencente à categoria das tecnologias vestíveis, o Google Glass possui funções de captura de imagem e de vídeo, envio de mensagens, buscas na Internet, vídeo-chamadas, consulta a mapas, ligações telefônicas e tradução. O sistema do Google Tradutor foi adaptado para ser executado por meio deste dispositivo. O site do produto¹² descreve os recursos incorporados e apresenta as imagens abaixo para explicar seu funcionamento. Usando o Google Glass, basta olhar em uma direção, dizer o comando “*Ok Glass*” para acionar o mecanismo e solicitar a informação desejada. No caso, traduzir meia libra (ou o equivalente a 226 gramas) para o chinês.

¹² Disponível em <http://www.google.com/glass/start/what-it-does/>. Acesso em 01/07/2013.



Imediatamente em seguida, o Google Glass fornece a resposta em sua tela, possibilitando uma interação simples e rápida do usuário com o mundo ao redor em tempo real. O Google Glass contribui em muito para corroborar a imagem de tradução como *ferramenta* ao incorporar a função do Google Tradutor e fazer da tradução uma extensão do corpo do usuário.

1.5 “FORMULAÇÕES-ORIGEM” NA TRADUÇÃO

As CP, que marcam posicionamentos políticos, econômicos e sociais, também influenciam a forma como se traduz. Pode-se traçar um paralelo entre a noção de Courtine (2006: 90) de “formulações-origem” e a transformação do modo de se traduzir certos termos. Para este autor, a espessura de citações e remissões no emaranhado da memória discursiva são suscitadas por estruturas, ou “formulações-origem”, embrenhadas na lembrança coletiva constituinte dos efeitos imaginários produzidos pelos discursos. Considerando o lugar ocupado pela tradução em um contexto sócio-histórico, as “formulações-origem” vinculam-se à cristalização que alguns termos sofrem com o passar do tempo. Isto pode ser mais bem compreendido pela observação do que vem ocorrendo na língua portuguesa quando se traduz da língua inglesa o substantivo **employee**. A primeira acepção de tradução para o português que consta nos dicionários é **empregado**, seguida por **funcionário** e **trabalhador**, sendo que estas duas últimas alternam-se como segunda ou terceira acepção nos compêndios consultados. Conforme esta pesquisadora foi capaz de perceber ao longo dos seus quase 15 anos de carreira como tradutora, parece haver uma convenção tácita ao se optar por **funcionário** como tradução de **employee**. Não obstante, esta suposta cristalização tem sido substituída pelo termo **colaborador** que, embora não conste nos grandes dicionários de referência, começa a circular em muitos conteúdos traduzidos. E é por meio desta circulação que a maioria das futuras ocorrências de **employee** provavelmente seja traduzida como **colaborador**, deixando para trás o vocábulo **funcionário**.

São em situações como esta que o tradutor, segundo Olher (2012: 136), “assume o papel de agente e de produtor de novos sentidos, interpretando o texto de partida através de sua abordagem discursiva, sua visão de mundo, interferindo e contaminando sócio-historicamente o texto de chegada”. É a tradução como *vanguarda*, já que muitos termos transitam neste âmbito antes de circular de forma generalizada e ser dicionarizados, adquirindo a cristalização que afiança sua posteridade. O paradigma atual calcado no neoliberalismo, em que pese a máxima de que “cada um é uma empresa”, corrobora a adoção de um termo em detrimento de outro na tradução como um reflexo do mover da sociedade no

sentido de condições de trabalho idealmente mais igualitárias e menos exploradoras a partir de um pano de fundo de restrição da ingerência estatal e expansão da economia de livre mercado. O discurso corporativo que permeia as práticas de marketing e recursos humanos de companhias de médio e grande portes reforça a intenção de instituir e transmitir o conceito de ambientes de trabalhos colaborativos, alçando a mão de obra ao status de associada da organização. Neste cenário, há um esvaziamento do sentido que o termo **funcionário** projeta, pois o indivíduo contratado pela empresa não é mais visto como mero prestador de serviços, mas, ao contrário, como alguém engajado e que contribui ativamente para a saúde financeira da instituição. Dessarte, **colaborador** ganha força para designar os traços de comprometimento e cooperação que devem caracterizar os empregados.

Ao asseverar “(...) que as palavras possam, por vezes, revestir o mesmo sentido, que, outras vezes, elas possam mudar o sentido, em função das posições daqueles que as empregam”, Courtine (2006: 100) ratifica a transformação à qual os discursos são submetidos em decorrência das práticas linguageiras que particularizam diferentes momentos históricos. Tomando-se as categorizações de tradução como *castigo*, *profissionalização*, *propaganda política*, *ferramenta* e *vanguarda* como válidas do ponto de vista das CP, é possível vislumbrar um continuum no que tange à forma como o tradutor é percebido socialmente. Os dois primeiros momentos de *castigo* e de *profissionalização* estão historicamente bem delimitados, enquanto os dois últimos, de *ferramenta* e de *vanguarda* estão intimamente ligados e sobrepõem-se – sua indivisibilidade é inviável, pois o suporte tecnológico permite que novos termos circulem em uma relação de tempo-espaço muito mais rápida do que jamais fora imaginado. Já a categoria de tradução como *propaganda política* perpassa toda a diacronia traçada. As proposições de *castigo* e *profissionalização* também se configuram como *propaganda política*, pois espelham a postura do governo em relação à tradução e ao tradutor. *Ferramenta* e *vanguarda* incluem-se na categoria *propaganda política* no sentido de que evidenciam as relações comerciais do país, posto que o volume de negócios realizados interna e externamente tem impacto direto no fluxo de trabalho do tradutor técnico, obrigando-o a buscar mecanismos que facilitem a prática de sua atividade. E por estar a par das

tecnologias de última geração, o tradutor pode reclamar para si a condição de profissional globalizado.

A fim de prosseguir na análise proposta por esta pesquisa, que é dar visibilidade ao trabalho desempenhado pelo tradutor técnico, a abordagem do próximo capítulo está centrada na questão teórico-metodológica, tornando possível explicitar, de fato, o objeto de investigação.

2. IMBRICAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Entendida como um modelo teórico-metodológico inovador para abordar a atividade humana, a Ergologia será articulada aos pressupostos da AD francesa a fim de fornecer subsídios para a análise do objeto desta pesquisa, que é dar visibilidade ao trabalho desempenhado pelo tradutor técnico. Tal modelo é o resultado de um processo ímpar vinculado à trajetória de uma equipe universitária que, ao ver-se confrontada com as dicotomias contemporâneas do trabalho, formulou um novo regime de produção de saberes associando trabalhadores de diversos setores e pesquisadores de diferentes disciplinas. Esta perspectiva tem origem na Ergonomia da atividade, corrente que se opõe constitutivamente à governança taylorista do conceito de atividade segundo a qual haveria a possibilidade de antecipar na íntegra a mecânica dos atos humanos em um modelo de organização científica do trabalho a fim de legitimar esse modo de gestão como algo neutro e restritivo. Para os ergonomistas, ao contrário, todo trabalho é complexo, uma vez que implica uma série de prescrições e de adaptações para o trabalhador realizar seu ofício. Partindo-se daí, a Ergologia redesenha a ideia de atividade proposta pela Ergonomia da atividade e trata de pensar este conceito não só como um processo complexo, mas, também, singular enquanto resultante de um diálogo permanente entre normas que enquadram a atividade humana em um pressuposto, as chamadas antecedentes, e renormalizações – ou readequação de tais normais, que colocam em cheque a antecipação exaustiva de todos os acontecimentos do fazer do trabalho. É, portanto, uma abordagem multidisciplinar que vem sendo desenvolvida desde os anos 80 na França pelo professor Yves Schwartz, um dos precursores do campo, e seus colegas, e que apresenta uma visão mais abrangente do trabalho em comparação à percepção mecanicista e industriosa do agir técnico.

Antes de contemplar aqui esta ótica, porém, é preciso conceituar a gênese do trabalho, pois há uma tendência histórica em circunscrevê-lo como herança da Revolução Industrial e do assalariamento, legados que perpetuam a noção da venda do tempo em troca de remuneração e apagam, por exemplo, a função social tradicionalmente desempenhada pela mulher como trabalhadora nos âmbitos doméstico e familiar. Noção que escapa a toda e qualquer definição

unívoca, o nascimento do trabalho pode ser considerado triplo, visto que não é um parâmetro do processo histórico, mas, sim, a própria base na qual a humanidade funda-se. Schwartz (2004) afirma que, de certa forma, o trabalho sempre existiu e, ao mesmo tempo, não para de rejuvenescer. Seu primeiro nascimento estaria vinculado à imagem do sujeito genérico, o *homo habilis*, que 2,5 milhões de anos atrás fabricou as primeiras ferramentas responsáveis pela mediação de uma população com seu meio de existência, possibilitando a suplantação da seleção natural como resultado direto das mudanças e acarretando a transformação da evolução da humanidade em Pré-história. Como este primeiro momento não caracteriza a aceção econômica do trabalho, pontua-se, logo, um segundo nascimento que diria respeito à revolução neolítica quando do surgimento de sociedades de produção cuja temporalidade da vida social organizava-se pelos ritmos impostos pela agricultura e pela criação de animais. O homem assim entendido como demiúrgico passa do papel de espectador dos ciclos naturais para o de coadjuvante ao interagir mais engajadamente, ainda que sob a forma de subsistência, com o meio onde vive. Com o tempo, os grupos neolíticos dão lugar a organizações sociais cujo alicerce está centrado na produtividade; eis quando surge o terceiro nascimento do trabalho compreendido como um tipo de atividade humana sob a forma de prestação remunerada de serviços em uma sociedade mercantil e de direito. Ao vender seu tempo de vida mediante o compromisso de ser pago por isto, o homem ocupa o espaço de protagonista em sua relação dinâmica com o modelo socioeconômico no qual está inserido.

Investigações mais acuradas concebem o trabalho, além do mais, como o lugar de acontecimentos complexos (Schwartz, 1996). A presente pesquisa assume esta perspectiva e passa-se, então, a pensar o trabalho a partir do enfoque proposto por Schwartz (1997), que procura apreendê-lo como atividade humana, entendida como um impulso de vida, de saúde, sem limite predefinido, que sintetiza, cruza e nutre tudo aquilo que as diferentes disciplinas têm apresentado separadamente: o corpo versus o espírito, o individual versus o coletivo, o privado versus o profissional, o fazer versus os valores, o imposto versus o desejado etc. Sob a lupa ergológica, toda a atividade humana é perpassada pelo trabalho, cujo campo está triplamente distribuído pelos polos

econômico, político e do uso de si em uma correlação interativa. Esta interpenetração do trabalho ocorre pela união triangular dos polos, do seguinte modo: o econômico estabelece-se a partir de critérios comerciais e financeiros palpáveis, e sua presença é sentida em toda a contemporaneidade; o político refere-se aos organismos do Estado, da Democracia e do Direito, e onde o bem comum, entendido como busca pelo equilíbrio entre as necessidades e os fins de uma sociedade, deve ser gerido; e o do uso de si, que admite o trabalho como uma gestão de valores intrincados ao longo da história do sujeito, escolhas que ele faz em relação a si mesmo, ao outro e ao contexto social. O polo do uso de si é o componente mais incógnito desta proposição e que concebe ver com outros olhos as questões do trabalho, uma vez que este si não se refere ao consubstanciamento do próprio sujeito; trata-se de uma entidade parcialmente opaca também ao ser humano cuja experiência revela-se por meio da atividade laboral. Parecendo insuficiente a caracterização desta problemática, o uso de si desmembra-se na dualidade simultânea do uso de si por si e do uso de si pelo outro, o que complexifica o trabalho e demonstra sua fragilidade. O uso de si pelo outro diz respeito à atuação do trabalhador em um universo cujas normas, sejam elas científicas, técnicas, organizacionais, administrativas e/ou hierárquicas, já estão preestabelecidas e remetem a instâncias de poder, subordinação e (des)igualdade. Aqui, o nível de coerção advindo das imposições previamente instituídas impele que o trabalhador operacionalize senão exigências para o cumprimento de sua função. Todavia, como a aplicação mecânica de normas é ingerível, impossível e invivível, pois traz à tona os vazios e as deficiências que tal antecipação descolada da situação real deixa escapar, o uso de si por si torna-se essencial para que o trabalhador assegure sua (sobre)vivência. Tomando por base o fato de que todo ato de trabalho é singular, pode-se pensar neste uso de si por si como a disponibilização e evocação de todo o patrimônio que constitui individualmente o trabalhador: seu corpo, sua história, sua sensibilidade e suas preferências. A gestão destes usos de si por si e pelo outro, embora distintos, complementam-se e enredam as chamadas dramáticas que estão envolvidas na atividade de trabalho desempenhada por um corpo-si, conceito explicitado por Schwartz (2003/2010) por meio de uma alusão a uma entidade enigmática formada por compleição biofísica e subjetividade psíquica que arbitra a distância

sempre presente na dicotomia do trabalho conforme prescrito e em sua realização efetiva – distância que emerge com clareza na atividade, princípio que será abordado em seguida. O corpo-si não é anônimo, pelo contrário: é configurado e reconfigurado pelas experiências vividas e escolhas feitas ao longo da própria trajetória, reposicionando seu lugar de pertença através de todas as formas de existência possíveis.

Para recuperar a questão das dramáticas do uso de si, vale dizer que elas não são sinônimas de drama, estando mais próximas do sentido aristotélico do termo, como um diálogo, caracterizado pela ênfase na ação desencadeada por um conflito não necessariamente trágico, que o sujeito trava consigo mesmo durante a infinidade de micro e macrodecisões que toma na prática do seu ofício, posto que esteja balizado pelas duas acepções do uso de si. Em cada dramática, a tomada (in)consciente de decisões é atravessada pelo debate de valores dimensionados e sem dimensão, implicando a tensão contínua desses valores. Por valores dimensionados, compreende-se toda a gama quantitativa passível de comensurabilidade e comparação. Como tais, eles funcionam de maneira descentralizada sem levar em conta as microdramáticas inerentes às situações de trabalho. De certo modo, agem como prescritos do fazer do trabalho e não consideram a questão do debate dos usos de si. Os valores sem dimensão, por outro lado, estão em uma esfera local que admite a resignificação contínua através de um corpo-si, e expressam virtudes morais, como a solidariedade e o egocentrismo, ainda que não haja métricas estabelecidas para aferi-los. No que tange às relações profissionais, não somente no caso da tradução, mas pensando em um aspecto mais geral, a convocação dos valores sem dimensão suscitaria a ideia de bem comum – do próprio sujeito, dos colegas, da instituição, do empregador, da sociedade etc., tornando fluido o que é intrínseco e extrínseco ao trabalho, já que esses valores extrapolam todos os limites traçados ao se embrenharem no corpo-si. Assim sendo, cada dramática requer um retrabalho dos valores tanto dimensionados quanto sem dimensão, daí a situação laboral ser única e irrepetível.

Em um esforço para dar conta da dialética que indaga a relação do sujeito com seu trabalho, o ergonomista Daniellou constrói em sua obra “A Ergonomia

em busca de seus princípios – debates epistemológicos” (1996/2004)¹³ uma analogia com os termos trama e urdidura, tornando-se uma representação metafórica cara à Ergologia. A articulação empreendida a partir destas noções de trama e urdidura atravessa atemporalmente o tecer das situações de trabalho vislumbradas sob uma perspectiva de tessitura na qual os fios costuram a narrativa de cada corpo-si. O escopo da trama abrange uma série de procedimentos e experiências capitalizadas nos âmbitos econômico, técnico, organizacional, entre outros, remetendo à herança histórica da sociedade. Seus efeitos, sendo então a trama aquilo que o sujeito transforma em memória com o intuito de regular sua atividade, são mais tangíveis. Quanto à urdidura, ela toma de empréstimo a singularização do corpo-si inscrito na situação de trabalho, englobando tudo o que possibilita vivenciar, em um dado momento, o que foi codificado como memória pela trama. Contudo, os efeitos da urdidura normalmente estão relegados à neutralização, fato este que pode ser interpretado como um tensionamento de poder e de força exercido sobre o trabalhador.

Ora, se for aceito que o relativo fracasso do taylorismo deve-se à impossibilidade humana de antecipar todas as condições de trabalho possíveis, talvez seja interessante para algumas das partes envolvidas com as questões laborais que haja um branqueamento das situações de atividade de maneira a legitimar sua posição hierarquicamente superior quanto às demais, a fim de subjugar-las. Fazendo um paralelo com o objeto temático da presente pesquisa, mais especificamente em referência ao tópico 1.4 Avanços tecnológicos: das ferramentas CAT ao Google Glass do capítulo anterior, ainda que as ferramentas CAT representem o exemplo mais claro da mecanização do trabalho do tradutor pretendendo à economia de cognição, tempo e dinheiro, elas estão embreadas em um tear espaço-temporal e, por isso, entrelaçam o tradutor na história, tendo que é a mão por trás do instrumento que revela a eficácia, a operatividade e a inserção social da trama (Schwartz, 2003/2010). Sem saber quem é o tradutor que operacionaliza as ferramentas CAT, há um esvaziamento do significado deste trabalho, pois não basta entender do que se tratam essas ferramentas, como

¹³ A menção a este compêndio de grande importância para a compreensão das relações entre a humanidade e suas capacidades de ação transformadora sobre seu ambiente foi extraída da obra “Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana”, organizada por Yves Schwartz e Louis Durrive, e devidamente relacionada nas referências bibliográficas desta pesquisa.

funcionam e como foram criadas. O sentido está em apreender também como e por que o tradutor interage (ou não) de determinada forma com as ferramentas *CAT*; do contrário, perde-se de vista a relação entre técnica e humanidade, e a maneira como sua existência passa a ser concebida ao longo da evolução. Diferentemente do que pode se imaginar a princípio, a complexidade da utilização destas ferramentas não se restringe apenas à aquisição e ao aperfeiçoamento de habilidades computacionais. É a própria articulação entre a trama, denotada pelas ferramentas *CAT*, e a urdidura, representada pelo trabalho desempenhado pelo tradutor, que é intrincada, uma vez que são postos em relação os modos de fazer inventivos do tradutor em ambientes de software estruturalmente coercitivos. E além da penumbra que oculta a urdidura, tal complicação emerge, inclusive, em virtude da invisibilização que designa historicamente o tradutor, mostrado em detalhes no capítulo anterior.

Na mesma medida que a noção de trabalho é controversa, a ideia que se faz do conceito de atividade na conjuntura laboral é heterogênea, pois sempre está relacionada à unidade daquilo que constitui o ser humano. Segundo já mencionado, como a Ergologia é uma abordagem multidisciplinar oriunda da Ergonomia da atividade, Schwartz embasa sua conceituação sobre atividade a partir das visões de Oddone (1981), Canguilhem (1943/1966) e Wisner (1996), médicos cujas preocupações estavam voltadas para questões de trabalho, os quais tiveram forte influência no delineamento dos estudos ergológicos. Nos idos da década de 70, ao se remeterem ao taylorismo como primeira Organização Científica do Trabalho, estes ergonomistas compreenderam que havia uma defasagem entre trabalho prescrito e trabalho realizado conquanto tivessem em mente a inviabilidade de antecipar todos os aspectos multifacetados que envolvem as ocupações. Foram capazes de constatar também que esta lacuna era gerida por meio da atividade como forma de mediação entre o individual e o coletivo, o que acarretava uma série de renormalizações por parte do trabalhador em uma tentativa de se contrapor ao seu completo assujeitamento. Em “Manifesto por um ergoengajamento” (2009/2011), Schwartz, ao retomar as definições propostas pelos ergonomistas supracitados, afirma que, no essencial, apesar de a atividade não ser vista, ela pode ser entendida sob três aspectos: como uma noção que atravessa, subverte e religa as fronteiras no interior do ser humano;

como uma força, um poder de mediação entre cada nível da experiência humana; e como uma dinâmica de contradições potenciais, matriz da historicidade humana, o que marca a dificuldade de se definir com precisão o que é atividade, visto que estão em jogo questões filosóficas que abrangem tanto campos epistemológicos quanto práticos, históricos e éticos, remetendo à esfera das múltiplas microgestões inteligentes da situação de trabalho, às tomadas de referências sintéticas, ao tratamento das variabilidades, à hierarquização dos gestos e dos atos, às construções de trocas com a vizinhança humana, em um vaivém constante entre os horizontes mais próximos e mais afastados do ato de trabalho (Schwartz, 2004). Neste sentido, os aspectos de impossível e invivível da atividade são de especial interesse aqui: o impossível diz respeito ao fato de a atividade humana não poder ser antecipada nem padronizada de maneira satisfatória, e o invivível aponta para a não coexistência de uma vida em saúde em meio à predeterminação total e irrestrita de normas.

2.1 PROPOSTA INICIAL

Partindo-se da premissa ergológica de que é necessário ver de perto o que se passa na atividade laboral para apontar os verdadeiros problemas e, em última instância, propor soluções, e sem perder de vista o fato de que não se pode isolar o objeto de análise do contexto sócio-histórico, do aqui e agora do momento no qual a pesquisa desenvolve-se, a primeira ideia para se aproximar da situação de trabalho do tradutor era por meio da observação do seu cotidiano. A proposta consistia em acompanhar presencialmente a rotina de dois tradutores, um que atuasse em casa como autônomo e outro que trabalhasse em uma empresa em regime de contratação ou prestação de serviços. Com base em ambas as observações, esperava-se ser possível comparar a gestão dos usos de si de cada tradutor para analisar como se dá a prática de cada profissional em diferentes meios e sob interferências e interações distintas. Através desta metodologia de pesquisa seria viável lançar mão dos conceitos epistemológicos e multidisciplinares propostos pela Ergologia em uma tentativa de atestar o que ocorre no real da atividade e de como o tradutor está implicado.

Como a responsável por esta pesquisa também é tradutora, houve um confronto diante da necessidade de observar a situação de trabalho, pois como tradutora técnica experimentada, supunha conhecer suficientemente a organização geral do trabalho de tradução dos seus colegas – aqui representados pelo papel de atores sociais em potencial, além de suas diferentes etapas de ação e coerções às quais estão submetidos; porém, como pesquisadora que articula pressupostos ergológicos, tinha a obrigação de demonstrar humildade perante seu objeto de análise e inteirar-se sobre ele a fim de que fosse uma descoberta autêntica. Portanto, a priori, seriam levantadas informações pertinentes especialmente no que toca às coerções laborais, a saber: técnicas (materiais de referência para consulta, ferramentas de tradução), temporais (horários, cadências, períodos de afluência diária ou sazonais), físicas (espaço de trabalho, adequação do mobiliário, iluminação, ruído, fadiga, lesão por esforço repetitivo) e comerciais (remuneração, carteira de clientes, fluxo de pagamentos, tipo de faturamento). Este levantamento, para posterior observação da situação de trabalho, exigiria a presença desta pesquisadora no local de atuação dos tradutores, posto que não há uma dimensão temporal rigidamente estruturada para esta atividade devido às inúmeras interrupções que podem ocorrer ao longo da tradução, o que é ainda mais acentuado pelo fato de a prática desenrolar-se em casa, longe dos olhos de um provável chefe ou de colegas de trabalho, possibilitando intervenções de toda sorte como, por exemplo, a realização de outras atividades remuneradas ou voluntárias, a dedicação aos afazeres domésticos ou a procrastinação. Os tradutores, bem como outros profissionais que exercem seu ofício fora de um ambiente corporativo, gozam desta liberdade de trabalhar da forma como melhor lhes convier, desde que a qualidade do seu serviço seja assegurada e o prazo, cumprido.

Não fossem os percalços surgidos que acabaram por inviabilizar tal modalidade de observação, provavelmente esta forma de aproximação da situação laboral teria sido fecunda ao trazer à tona elementos que discutiriam a (in)visibilidade do tradutor técnico na atualidade, destacando a peculiaridade deste método em relação a outros meios que se fiam em representações genéricas do trabalho, dos seus determinantes e de suas consequências, contudo

descolados de sua concretização em um plano de desaderência (noção que será tratada no subtópico 2.3) para com o real da atividade.

2.2 IMPASSE ERGOLÓGICO

Apresentada a seis tradutores autônomos e a duas agências de tradução, a ideia de observar *in loco* o trabalho por eles desenvolvido foi rechaçada. Mesmo que a maneira como esta pesquisadora tenha abordado os tradutores tenha sido ergologicamente apropriada no que tange ao desconforto intelectual e à humildade investigativa, e que ela tenha buscado esclarecer o objetivo de tal demanda para justificar a necessidade da observação da situação de trabalho, é possível levantar a hipótese de que a recusa destes tradutores de serem observados possa, entre outros aspectos, estar relacionada ao fato de a pesquisadora em questão também ser tradutora, o que implicaria certa reserva por parte das agências de tradução, talvez preocupadas com eventuais segredos comerciais que pudessem vir a ser identificados, e dos tradutores, visto que o mercado no qual atuam é relativamente pequeno e as empresas e/ou agências idôneas que contratam este serviço não são muitas. Outro aspecto que não pode ficar de fora faz referência ao ambiente onde trabalham os tradutores autônomos que foram consultados para participar da presente pesquisa; não se trata de um espaço impessoal e de livre circulação, muito pelo contrário, é a casa onde eles – e por ventura seus familiares – moram, subentendendo um grau de intimidade muito grande. Apesar de isto ter sido considerado quando da formulação da proposta para a observação, esta pesquisadora, pendendo, então, para seu lugar de tradutora, foi capaz de compreender de imediato as suscetibilidades aí intrínsecas, não estranhando quando as negativas à observação começaram a chegar. Desta feita, a afirmação de Duraffourg (2003/2010: 49) é partilhada, segundo a qual “não se pode postular a independência da vida de trabalho em relação à vida pessoal; é um todo indissociável, em que todas as partes se comunicam de maneira permanente”. Este excerto fica ainda mais claro quando articulado com aquilo que acontece na prática, o que pode ser comprovado por meio da resposta de uma tradutora dentre todos os profissionais a quem se

perguntou acerca da disponibilidade para a observação da atividade de trabalho. Para manter sua identidade sob sigilo, esta tradutora será tratada como T1:

“Gostaria muito de ajudar, mas vejo alguns problemas em vc estar aqui, acompanhando o meu trabalho, principalmente devido à fase de vida em que me encontro no momento. Tenho duas filhas pequenas. Tenho concentrado a minha atividade profissional no período da manhã, entre 8:00 e meio-dia, pois nesse horário as duas estão na escola. À tarde, consigo trabalhar às segundas e quartas, enquanto a caçula dorme, entre 14:00 e 16:00h. Nas outras 3 tardes, levo a mais velha para fazer outras atividades. Acontece que, desde que a caçula nasceu, o meu escritório passou a ser dentro do meu quarto. E entre 8 e 9 da manhã, às vezes até um pouco mais, meu marido ainda está aqui, se aprontando para ir ao trabalho. Não tem como vc vir aqui observar o meu trabalho.”¹⁴

Um último aspecto que poderia ser abordado como argumento para a negativa à observação *in situ* perpassa questões de sigilo contratual e viabilidade técnica, conforme registrado na fala de outra tradutora, aqui designada T2, ao sugerir outras maneiras de colocar a proposta em prática:

“Caso não consiga acompanhar alguém presencialmente: Skype ligado com câmera, com ou sem narração do que estou fazendo. Ou ainda compartilhamento de tela, para você ver o que estou fazendo. Não sei se é viável, e a conexão à internet também pode afetar o processo, mas fica como sugestão. Talvez as pessoas se sintam mais à vontade dessa forma, sem a sua presença, porque a presença de alguém dá uma sensação de chefe olhando por cima do ombro, controlando o que estamos fazendo, opinião pessoal. Mas talvez o compartilhamento da tela seja um problema, porque muitos projetos são sigilosos e nada impede que você tire um print screen da tela que está observando, até mesmo para facilitar suas anotações depois.”¹⁵

Ambos os trechos destacados tocam em pontos delicados que refletem, em certa medida, o que é trabalhar na contemporaneidade sob um regime que não pressupõe relações contratuais de longo prazo nem vínculo pleno com uma única empresa em uma sociedade de mercado acostumada a fazer do trabalho assalariado, sinônimo de emprego formal, a força-motriz de sua economia. Graças aos avanços tecnológicos recentes, muitas atividades hoje podem ser desenvolvidas remotamente, tornando a permanência de alguns trabalhadores nas dependências das organizações não só irrelevantes como também

¹⁴ Resposta recebida por e-mail em 26/08/2013, três dias após o envio do convite para a participação como ator social desta pesquisa.

¹⁵ Resposta recebida por e-mail em 26/08/2013, minutos após o envio do convite para a participação como ator social desta pesquisa.

dispendiosas em virtude da alocação de áreas e equipamentos que comportem um número maior de pessoas, da necessidade do estabelecimento de políticas de segurança do trabalho e de recursos humanos que contemplem a diversificada mão de obra existente, e dos custos com transporte, alimentação e saúde arcados pelos empregadores. O trabalho como emprego é, segundo Oliveira/Silveira (2012), enxergado como um lugar, em vez de uma atividade produtiva; não à toa as expressões “estar no trabalho”, “ir ao trabalho” e “sair do trabalho” estão demasiado enraizadas em nossa cultura. Neste sentido, trabalhar equivale a estar disponível e dedicar-se a um ofício em uma dimensão espaço-temporal previamente estabelecida, esvaziando a noção de produtividade que, não raro, é o componente mais comprometido na balança em que pesam os bônus e ônus relativos às ocupações. O que tem se visto, então, é uma parcela significativa de indivíduos migrando, voluntária ou compulsoriamente, para outras categorias trabalhistas menos rígidas e mais flexíveis, que podem, grosso modo, ser subdivididas em terceirização ou autoemprego. No caso específico dos tradutores, os termos correntes que se referem à esfera do autoemprego são autônomo, freelancer ou simplesmente “frila”; e ao atuarem neste regime, podem, inclusive, conciliar a tradução com outro emprego ou atividade (formal ou não) desde que não haja um contrato de exclusividade que reja a prestação dos serviços.

Voltando à resposta da tradutora T1, está nítido como ela foi capaz de adaptar sua atividade profissional à *“fase de vida que se encontra no momento”*, o que dificilmente aconteceria caso estivesse empregada em alguma empresa e tivesse de se deslocar até o local de trabalho para cumprir o horário comercial. Esta é uma das características do autoemprego, em que o autoempregado pode adequar o trabalho que desempenha às suas outras responsabilidades, justamente o contrário do que ocorre no caso dos empregos fixos. É legítimo pensar, pois, que diferente do emprego, o autoemprego poderia deixar de ser um fardo para, antes, ser uma opção que viabiliza ao autoempregado o gerenciamento do seu próprio tempo como um dos seus maiores benefícios, o que certamente contribui para um aumento da produtividade, já que o autoempregado dispõe de autonomia para realizar seu trabalho no momento que melhor lhe convier, respeitando, entre outros aspectos, seu ritmo biológico. Como

corpo-si que se reconfigura perante suas experiências de vida, T1 demonstra, por meio de sua fala, a contingência de lidar com uma série de dramáticas oriundas não apenas de sua atividade profissional, mas das demandas externas que se impõem pelo seu triplo papel de tradutora, mãe e esposa, estando o rearranjo de sua agenda de trabalho atrelado aos compromissos de suas filhas e ao bem-estar da família.

Além de atentar para possíveis implicações legais que envolveriam a observação presencial da situação de trabalho, o que mais chama atenção na fala de T2 é o caráter de autonomia do autoemprego. Ao comentar que ter alguém ao seu lado, observando-a trabalhar, daria *“uma sensação de chefe olhando por cima do ombro, controlando o que estamos fazendo”*, T2 deixa claro que a liberdade de que o tradutor autoempregado goza ao trabalhar de modo remoto é algo muito valioso do qual não se abre mão tão facilmente. Esta ponderação implica dizer, ainda, que o autoempregado afirma sua identidade através de um lugar conquistado no mercado da tradução, pois tem o privilégio, como profissional capacitado que desempenha suas funções quando e de onde quiser, de ser reconhecido socialmente como tal, afinal de contas o fato de ser tradutor não basta para estar habilitado a prestar serviços sob a perspectiva do autoemprego; atributos como responsabilidade para com o cumprimento dos prazos acordados, garantia de uma tradução de qualidade, preço competitivo e atenção às necessidades dos clientes são construídos com o tempo. No âmbito da prestação de serviços no qual o tradutor autoempregado está inserido, a lógica da produtividade adquire um status de lógica de avaliação social, dada a relação comercial direta estabelecida, permitindo identificar o responsável pela realização do trabalho contratado, identificação, esta, que é mais nebulosa em sistemas de produção em escala. À medida que cada vez mais profissionais assim estabelecem-se, o emprego formal perde terreno como cenário privilegiado de inserção do trabalhador na estrutura social e, mais do que isto, o significado da atividade que este sujeito desenvolve, refletida pela percepção coletiva que projeta, impregna de sentido sua relação com o mundo, o que acaba por determinar a maneira por meio da qual sua individualidade e sua socialização constituem-se.

De mais a mais, em decorrência dos entraves comentados, foi preciso reformular a proposta de averiguação em campo para que se instituisse um corpus passível de análise, do contrário esta pesquisa seria inviabilizada. Para tanto, houve a necessidade de tensionar parte dos conceitos clássicos da Ergologia, especialmente aqueles que fazem menção à observação das situações de trabalho como meio para acessar os graus de aderência e desaderência inerentes à atividade em questão.

2.3 RENORMALIZAÇÃO DA PROPOSTA

Ao argumentar que não há ciência da atividade e que tudo está por ser feito, Schwartz (2009/2011) abre a possibilidade de haver reformulação inclusive no saber-fazer do pesquisador. Neste mover, renormalizar nada mais é do que uma necessidade e uma obrigação diante das infidelidades do meio, embora valha destacar que este ponto de vista não se estabeleça por si só e invariavelmente tenha de ser construído pelo percurso que abarca as peculiaridades de uma dada pesquisa que emergem ao se interpelar a atividade humana. Ora, não seria próprio do fazer ergológico não intervir sobre os regimes estabelecidos de produção de conhecimento, acarretando um processo de transformação que se dá pela reflexão dos limites que supostamente cerceiam a atividade do pesquisador, aí compreendida, também, como atividade de trabalho e, portanto, sujeita a se modificar e a produzir efeitos de urdidura. O que se vê são dois momentos que no todo compõem a dupla antecipação da pesquisa ao mobilizarem, no tocante aos objetos de saber, o polo da aderência, considerado o lugar cativo das circunstâncias vividas no aqui e agora que dão forma aos saberes chamados investidos, e o polo da desaderência, apartado dos acontecimentos situados e que, portanto, tangencia os saberes constituídos vinculados às prescrições e às coerções de um mundo que aspira à máxima antecipação como ideal a ser perseguido. Inicialmente, esta pesquisadora havia formulado e sugerido, alienada à disposição dos atores sociais, logo, em desaderência, uma proposta para se aproximar da situação de trabalho dos tradutores por meio da observação do seu cotidiano, o que consistiria em uma

primeira antecipação; devido às sucessivas recusas dos tradutores ao se deixarem observar durante o desempenho de sua atividade profissional, a pesquisadora foi impelida a recuar, cogitar outras perspectivas e, finalmente, propor uma nova metodologia que desse conta dos objetivos do presente estudo ao mesmo tempo que atendesse aos critérios de colaboração remota estabelecidos pelos atores sociais, daí a segunda antecipação, agora em total aderência em relação à pesquisa, aos anseios da própria pesquisadora e aos tradutores envolvidos.

Em um encontro na semana de 9 a 13 de setembro de 2013 durante o minicurso “Pensar o trabalho: as linhas de desenvolvimento específicas da abordagem ergológica” ministrado por Schwartz na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, esta pesquisadora, assim como outros membros do Grupo Atelier, teve o privilégio de discutir com o filósofo os percalços metodológicos com os quais ela havia se deparado, já que, a esta altura, estava totalmente desmobilizada e ainda buscava encontrar uma saída para acessar o real da atividade sobre o qual havia se proposto a tecer comentários desde o início. Quando perguntado se haveria uma alternativa à aproximação pela observação da situação de trabalho com o intuito de apreender a prática laboral, Schwartz respondeu que isto só seria viável caso se considerasse esta como uma situação excepcional de pesquisa, uma vez que o grau de aderência averiguado não seria semelhante ao assimilado por meio de outras formas de proximidade da atividade de trabalho. E apesar de ter mencionado que Oddone (1981), em uma pesquisa conduzida junto a operários de uma fábrica francesa da montadora Fiat, também não tenha obtido acesso à atividade desenvolvida na linha de produção em razão do contexto político-sindical da época e, por isso, seu estudo tenha, outrossim, um caráter de excepcionalidade, Schwartz chamou atenção para o fato de que como o polo da aderência está ligado ao corpo-si e é relativamente explicado através de palavras, haveria modos para acessar tal aderência no bojo da linguagem, e que caberia a esta pesquisadora imaginar como isto poderia ser feito sob o viés da AD, pressuposto em diálogo aqui com a Ergologia.

Além da ressalva que Schwartz fez ao ponderar a importância do aspecto linguageiro para a pesquisa, é digno de nota mencionar a conjuntura que se descortina ao se pontuar um deslocamento da Ergologia *stricto sensu* no que

concerne à sua metodologia. Talvez seja oportuno fomentar um modo de se pesquisar que faça mais sentido no panorama brasileiro cujas especificidades se distinguem do contexto francês de onde partem as reflexões apresentadas pela abordagem multidisciplinar ergológica. É preciso conceber que, no Brasil, em oposição ao que acontece na França, praticamente não há demanda externa para a realização de estudos que abordem as questões laborais e que, por isso mesmo, complexifica-se toda e qualquer tentativa de empreender intervenções que visem ao aprimoramento de determinados aspectos considerados problemáticos, afinal que direito o pesquisador teria de interferir no trabalho alheio sem que sequer tenha sido convocado para realizar uma análise da atividade implicada e tendo em vista que sua ingerência poderia, inclusive, acarretar consequências trabalhistas sérias para os sujeitos envolvidos? Com efeito, importa realçar que assim como esta pesquisadora viu-se obrigada a pincelar os pressupostos da Ergologia com a cor local que singulariza não apenas seu objeto de investigação, mas, principalmente, o cenário brasileiro, outros estudiosos também poderão se sentir instigados a fazê-lo a fim de inscreverem seu posicionamento sócio-histórico no plano da aderência, alçando a rubrica Ergologia *stricto sensu* para, quem sabe, o status de Ergologia brasileira. Ademais, no que diz respeito às pesquisas elaboradas no seio do Grupo Atelier, a articulação entre AD e Ergologia sempre se verifica, o que corrobora a caracterização dos seus pesquisadores como analistas do discurso-ergólogos, reivindicando para si, pois, uma designação que necessariamente inclui as visões de sujeito e língua de ambos os pressupostos. Desta monta, as pesquisas avançam pelo tensionamento de princípios que se prestam a este papel mesmo, o de serem colocados à prova, (co)localizados e renormalizados de acordo com as circunstâncias sócio-históricas e os fins acadêmicos a que se propõem. Insistindo um pouco mais no dever das situações de pesquisa e no dever de renormalização do analista do discurso-ergólogo, Dártora (2012) aponta, ao tratar de uma “postura ergológica”, para o mérito de não ceder à tentação de varrer para debaixo do tapete os conflitos surgidos durante o percurso de obtenção de dados da pesquisa com o intuito de pasteurizar o processo de investigação cuja riqueza emerge na aderência, pondo em xeque a ancoragem dos pressupostos teóricos previamente consolidados em desaderência.

Em termos concretos, a proposta da observação da atividade de trabalho do tradutor foi finalmente substituída pela entrevista na conjuntura de pesquisa acadêmica, concebida como um dispositivo metodológico de produção de textos a partir de uma ótica discursiva que engloba práticas linguageiras sócio-historicamente assinaladas por meio das quais o já-lá de outras vozes, condição precípua que define o atravessamento do sujeito segundo a AD, pode ser assimilado. Por conseguinte, a entrevista amarrada ao fazer científico distancia-se da ideia partilhada pelo senso comum que poderia supô-la como uma ferramenta a serviço da captação de verdades como mera representação de saberes (Rocha et al, 2005). No entanto, a entrevista, ainda que fosse uma reformulação da primeira sugestão para a aproximação da situação de trabalho, pressupunha a reunião desta pesquisadora com os atores sociais dispostos a colaborar com o estudo, o que, mais uma vez, representou um obstáculo para a operacionalização desta metodologia em decorrência da incompatibilidade de agendas dos envolvidos e seu deslocamento até um local onde o encontro pudesse ser realizado. Foi então que, retomando Maingueneau (1987/1997) quando ele menciona que o pesquisador deve ser capaz de construir um espaço discursivo, pensou-se no questionário – que seria encaminhado e devolvido por e-mail, flexibilizando seu preenchimento para quando melhor conviesse aos tradutores respondentes – como sistemática em completa aderência com os contratempos surgidos e não como uma modalidade escolhida visando à simplificação e ao imediatismo de se obter acesso a informações a que se pretenda conhecer. À luz da teoria analítico-discursiva francesa, sua validade está no fato de se admitir a possibilidade de resignificação dos enunciados que seriam produzidos tendo em vista a linguagem como heterogênea, opaca e polissêmica. Como os sentidos construídos pelos enunciadores sobre um referente, incluindo a si mesmos, não são mais do que efeitos de sentido produzidos por quem é atravessado pelo inconsciente e pela ideologia, não sendo totalmente livre nem tampouco totalmente assujeitado, conforme recorda Fonseca (2013), estar face a face com o outro não garantiria ou seria suficiente para que uma interação fosse qualificada como espontânea. Muito pelo contrário, aliás, pois o que o enunciadorentrevistado acredita constituir em linhas gerais o gênero entrevista acaba por impactar a forma como ele coloca-se nesta perspectiva.

Para arrematar este capítulo que antecede a análise do questionário formulado e respondido pelos tradutores participantes, vale lembrar, com a finalidade de reforçar o vaivém entre Ergologia e AD, que as mudanças das condições materiais da comunicação transformam o quê e como se comunica, conforme o conceito de mídiun proposto por Maingueneau (2007/2013). Tal princípio é inferido não como um simples meio de transmissão do discurso; em vez disso, é uma noção coercitiva quanto aos conteúdos que engendra, e são suas coerções constitutivas que mantêm ou modificam o conjunto de um gênero de discurso. Se for plausível afirmar que a aproximação da situação laboral através da observação presencial é um gênero de pesquisa sob a lupa ergológica, então caberá dizer que, no caso específico deste estudo, foi a substituição do suporte em desaderência por outro, em aderência, que possibilitou a composição do corpus, agora embasado no mídiun questionário como um enunciado de estilo escrito que será mostrado a seguir.

3. PARA ALÉM DE UMA ANÁLISE

Para operacionalizar a análise discursiva dos questionários respondidos pelos tradutores voluntários é preciso, antes, levantar alguns aspectos essenciais que embasarão o processo. Com o objetivo de que não restem dúvidas quanto à noção de discurso assumida neste percurso, não parece exaustivo pontuá-la aqui como um conjunto de elementos instituídos de maneira integralmente linguística e histórica, que colocam em justaposição o que pode ser dito em uma determinada língua e em certo plano espaço-temporal. Ainda que o discurso seja o fundamento com base no qual a AD esteja organizada conforme evidenciado pela rubrica da teoria, Maingueneau, em “Gênese dos Discursos” (1984/2008), chama atenção para o fato de que a unidade de análise a ser trabalhada não é o discurso em si, isoladamente, mas, em vez disso, uma zona de troca propiciada pela relação travada entre os vários discursos que emergem desta configuração. Isto se explica pela compreensão do pressuposto do primado do interdiscurso, apresentado como a primeira das sete hipóteses que a obra supracitada traz, e que estabelece que o enunciador não seja a fonte do sentido que busca produzir – sua origem seria, então, anterior a ele mesmo e seu enunciado estaria vinculado a algo que já foi dito alhures; daí a primazia do interdiscurso sobre o discurso, consistindo este em uma heterogeneidade constitutiva que é retomada através de outros dizeres sob outras roupagens em outras épocas. Desta feita, para melhor caracterizar o que comporia o interdiscurso, Maingueneau propõe três níveis, o de universo, de campo e de espaço discursivos, passíveis de contemporização em um imbricamento direto com concepção de formação discursiva, compreendida como um sistema de restrições semânticas ao qual um enunciado está filiado e ao qual recorre continuamente no formato de pré-construtos como modo de firmar seu posicionamento sócio-histórico e de construir sua identidade. O universo discursivo abrangeria formações discursivas de toda a sorte em interação em uma conjuntura específica. Ao campo discursivo diriam respeito os conjuntos de formações discursivas que se verificam – seja em confronto, aliança ou neutralidade aparente – nesta mesma conjuntura. Já o espaço discursivo seria o subconjunto das formações discursivas articuladas pelo analista por julgá-las pertinentes para o propósito que pretende alcançar. No caso

deste estudo, o universo discursivo, que define o horizonte a partir do qual são construídos domínios suscetíveis de análise, é representado qualitativamente por aquilo que circula entre os tradutores técnicos acerca da sua profissão, enquanto o campo e o espaço discursivos não foram, como normalmente não o são, dados de antemão. Muito pelo contrário, os âmbitos discursivos de campo e espaço foram coconstruídos como opção metodológica na interação desta pesquisadora com os atores sociais que se disponibilizaram a colaborar por meio do questionário proposto, visando ao seu intuito primordial de dispor de meios para tecer comentários sobre as dramáticas que permeiam a atividade de trabalho desempenhada pelos tradutores técnicos a partir da visão dos próprios profissionais. Tendo em mente que “a AD supõe a colocação conjunta de vários textos, dado que a organização do texto tomado isoladamente não pode remeter senão a si mesmo (estrutura fechada) ou à língua (estrutura infinita)” (op. cit., p. 21), as respostas de cada questionário, concebidas também como uma massa textual significativa para a circunscrição do corpus, serão inter-relacionadas, e não analisadas de modo estanque. Esta confluência intencional de diferentes discursos fará emergir a segunda (e última) das hipóteses postuladas por Maingueneau da qual se lançará mão nesta pesquisa; trata-se do princípio da interincompreensão regrada que subentende que os efeitos de sentido produzidos na enunciação são transpostos de uma formação discursiva para outra, isto é, o enunciador distancia-se do Outro e aparta de si o que seria inversamente análogo à sua própria enunciação que, por sua vez, só tem condições de se instituir como tal e de se autorreferendar em virtude justamente desta distinção entre si mesmo e o Outro que se instaura na circunstância enunciativa marcada por áreas de incompreensão recíproca dentro de um mesmo sistema linguístico. É neste vaivém entre o eu e o Outro que o enunciador, perante a AD, forma-se como sujeito clivado e atravessado pelas demais vozes que ecoam na sua própria, perspectiva que não pode ser deixada de lado quando da análise do corpus, que virá a seguir.

3.1 DO QUESTIONÁRIO

O questionário foi disponibilizado para os tradutores respondentes em formato PDF e enviado via e-mail, juntamente com uma instrução que informava que não haveria juízo de valor quanto às respostas fornecidas, nada de certo ou errado, importando, em vez disso, a percepção do tradutor sobre as seis perguntas sugeridas, a saber: 1) Qual é sua formação?; 2) Há quanto tempo você trabalha como tradutor(a); 3) Que áreas você traduz?; 4) Fale sobre as vantagens e as desvantagens da profissão de tradutor; 5) O que você acha das tecnologias de apoio à tradução?; e 6) Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela sociedade? Foi assegurado, ainda, que a identidade dos respondentes seria mantida sob sigilo, daí a designação dos mesmos como R1 a R10. Visando à análise a seguir, as perguntas de número quatro (Fale sobre as vantagens e as desvantagens da profissão de tradutor.), cinco (O que você acha das tecnologias de apoio à tradução?) e seis (Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela sociedade?) serão trabalhadas, uma vez que as três primeiras questões foram consideradas para traçar o perfil dos respondentes. A íntegra das respostas pode ser conferida na seção Anexo.

3.2 DO PERFIL DOS RESPONDENTES

Inicialmente, pensou-se em convidar atores sociais cuja única fonte de renda fosse proveniente do trabalho como tradutor técnico, porém, conforme já mencionado ao longo do capítulo 2. Imbricamento teórico-metodológico, a natureza da atividade de autônomo abre uma possibilidade para que o profissional desempenhe outras funções, o que também parece ser bastante frequente no âmbito da tradução, já que a falta de regulamentação da profissão permite que profissionais com históricos acadêmicos distintos ou que possuam afinidade com o campo atuem como tradutores e conciliem carreiras diversas sem a necessidade de comprovação de formação oficial específica na área. Sendo assim, o convite para participação como ator social nesta pesquisa por meio do

preenchimento do questionário enviado e devolvido via e-mail foi estendido a vinte e dois tradutores; destes, dezoito manifestaram disponibilidade em fazer parte do estudo, embora apenas treze tenham realmente encaminhado a esta pesquisadora o questionário respondido. De posse dos treze questionários, três deles foram descartados: um havia sido respondido por uma tradutora que hoje trabalha exclusivamente como docente universitária e não traduz há mais de dois anos, e os outros dois tinham sido preenchidos por duas tradutoras que vivem em Portugal, o que poderia comprometer a justificativa da pesquisa que está calcada no panorama contemporâneo brasileiro. Portanto, dez questionários foram considerados como válidos para fins desta investigação, tornando possível, finalmente, revelar o perfil dos respondentes.

A respondente 1 (doravante R1) é graduada em Letras, especialista em Tradução, mestre em Linguística Aplicada e doutoranda em Língua e Literatura Inglesa. Traduz há 15 anos basicamente as áreas de saúde e é também professora de disciplinas relacionadas à tradução. Já o respondente 2 (R2) possui formação incompleta em Letras com especialização em Tradução e Interpretação. Atua na área desde 2001 traduzindo filmes e séries para a TV a cabo, além de contratos e acordos diversos no âmbito da tradução jurídica. Graduada em Medicina Veterinária e pós-graduada (MBA) em Administração e Marketing, a respondente 3 (R3) traduz há aproximadamente 8 anos conteúdo das áreas médica, química, farmacêutica, além de manuais diversos. A respondente 4 (R4) é graduada em Letras com habilitação em Tradução e Interpretação, pós-graduada em Gramática da Língua Inglesa, possui aperfeiçoamento em Língua Inglesa, além de ser mestre em Linguística. Traduz desde 1993 áreas técnicas, especialmente engenharia e informática, além de resumos acadêmicos de diversos segmentos. Atua também como professora do ensino superior lecionando disciplinas teóricas e práticas de tradução e interpretação desde 1999. Embora nunca tenha exercido o bacharelado em Comunicação Social, o respondente 5 (R5) é formado nesta área. Hoje, além de tradutor, é músico e artista. Traduz desde 2009 principalmente materiais das áreas de negócios e marketing, e antes disso já havia tido contato com o ramo da tradução como funcionário fixo de uma empresa entre os anos de 2003 e 2004, e ao traduzir informalmente textos para familiares e amigos. Graduada em Tradução e

Interpretação, a respondente 6 (R6) traduz desde 2000. Sua maior experiência é em legendagem. Também traduz áreas de Marketing e Recursos Humanos. O respondente 7 (R7) é graduado em Ciências da Computação, tendo atuado como analista de sistemas por 6 anos antes de se tornar tradutor. Traduz há 5 anos e meio conteúdo relacionado à informática, comunicados à imprensa, recursos humanos, turismo, manuais de equipamentos, direito, engenharia, comunicação interna de empresas, marketing. Antes de ingressar na área da tradução, o respondente 8 (R8) era professor de inglês. Não possui formação específica e trabalha como tradutor há 18 anos. Atualmente traduz episódios para a TV a cabo sobre os mais diversos temas, além de um guia bimestral sobre exposições de arte em cartaz em São Paulo. É também artista plástico. Graduada em Letras e mestre em Comunicação, a respondente 9 (R9) traduz há cerca de 10 anos as áreas de filosofia, comunicação, comercial, medicina, direito, e romances. A respondente 10 (R10) é graduada em Engenharia Química e mestre em Engenharia de Alimentos. Depois de flertar com o ensino de línguas, foi aprovada como Tradutora Pública e Intérprete Comercial pela Junta Comercial do Estado de São Paulo em 1999, cursou especialização em tradução e mestrado em Estudos da Tradução, área na qual dará continuidade aos seus estudos em nível de doutorado. Traduz profissionalmente desde o ano 2000 conteúdo audiovisual, matérias jornalísticas, artigos acadêmicos, material publicitário, e textos literários e poéticos.

3.3 DA ANÁLISE

Em consonância com o título desta dissertação, pretende-se que a análise do corpus suscite aspectos que deem pistas sobre o trabalho do tradutor técnico e denotem como o profissional, ergologicamente compreendido como corpo-si, lida com as dramáticas da sua atividade laboral, o que não significa que cada agir seja semeado de dramas, mas, sim, que nada pode ser mecânico. Merece destaque, portanto, como Schwartz (2004: 22) define o que é “dramática”:

“Situação em que o indivíduo tem de fazer escolhas, ou seja, arbitrar entre valores diferentes, e, às vezes, contraditórios. Uma dramática é, portanto, o lugar de uma verdadeira micro-história, essencialmente inaparente, na qual cada um se vê na obrigação de se escolher, ao escolher orientar sua atividade de tal ou tal modo. Afirmar que a atividade de trabalho não é senão uma dramática do uso de si significa ir de encontro à ideia de que o trabalho é, para a maioria dos trabalhadores, uma atividade simples de execução, que não envolve realmente sua pessoa.”

Sem a intenção de enviesar a análise por meio da destacabilidade dos excertos compreendidos como os mais significativos dentre as respostas dos tradutores ao questionário a que tiveram acesso, optou-se por um recorte que possibilitasse a articulação das noções discursivas de primado do interdiscurso e de interincompreensão regrada ao preceito ergológico das dramáticas do uso de si e aos elementos que ele convoca. Para costurar tal recorte em uma mesma tessitura, as rubricas propostas no capítulo 1 – Condições históricas de produção em referência à evolução histórica acerca do que a tradução representa no Brasil agora serão mobilizadas sob a forma de semas, isto é, /tradução como castigo/, /tradução como profissionalização/, /tradução como propaganda política/, /tradução como ferramenta/ e /tradução como vanguarda/ com o objetivo de mostrar como o discurso dos atores sociais envolvidos é atravessado pelo já-lá. A escolha de sistematizar as rubricas em formato de semas está embasada em Maingueneau (1984/2008) que, pensando em um núcleo semântico comum a uma conjuntura específica, sugere-os como operadores de individuação cuja finalidade seria traçar critérios a partir dos quais determinados discursos poderiam ser diferenciados da gama de outros discursos possíveis postos em relação.

Como a ordem dos semas, ainda sob a forma de rubricas aventadas anteriormente no primeiro capítulo deste estudo, não altera o produto, ou melhor, o processo da análise em si, propõe-se uma subversão da sequência inicial, reservando para o fim o sema /tradução como castigo/ não só em decorrência dos efeitos de sentido que podem ser apreendidos pela sua alusão, mas porque, de certa maneira e sob outras acepções, ele entrecorta o discurso de todos os tradutores respondentes. Para além das respostas analisadas em detalhes, há de se ressaltar que muitos elementos fazem menção à condição de trabalho categorizada como autoemprego em oposição a empregos regidos por uma formalização e, portanto, não são exclusivos dos meandros da tradução, como, por exemplo, a flexibilidade de horário para desempenhar a atividade laboral, a

oportunidade de trabalhar em casa ou em qualquer lugar onde haja conexão à Internet, a satisfação proporcionada por não se estar na presença de um chefe, e a possibilidade de prestar serviços para mais de uma empresa e alavancar a remuneração, tópicos, estes, apontados como vantajosos; sua contrapartida, contudo, é representada por algumas das desvantagens da modalidade do trabalho autônomo, como a instabilidade financeira decorrente dos altos e baixos do mercado, a eventual inadimplência por parte de clientes não idôneos e a falta dos benefícios trabalhistas assegurados por regimes de contratação tradicionais.

No que tange especificamente à /tradução como profissionalização/, interessa notar como a ideia de que há tradutores “oficiais” e “não oficiais” permeia as respostas do tradutor denominado R5 à primeira pergunta, Qual é sua formação? e à quarta pergunta, Fale sobre as vantagens e as desvantagens da profissão de tradutor, respectivamente:

“Sou formado em Comunicação Social. Nunca exerci a profissão oficialmente. Sou músico, artista e tradutor (não oficial).”

“Eu não me considero ‘profissional’ da tradução. Nunca estudei, nunca fiz curso – tirando uma semana para aprender a legendar (...). Eu faço bem feito e com amor, sim, mas não iria até o fim do mundo pela profissão, como faria com minhas atividades de música e arte.”

É bastante significativo observar como R5 marca seu posicionamento identitário ao se apresentar como “*músico, artista e tradutor*”, nesta ordem que em nada é aleatória, evidenciando a maneira pela qual este sujeito constitui-se e o nível hierárquico pelo qual distribui as atividades em sua vida: primeiro, músico; depois, artista; e, por último, tradutor, o que é corroborado pela sequência de sua enunciação: “*Eu faço bem feito e com amor, sim, mas não iria até o fim do mundo pela profissão, como faria com minhas atividades de música e arte*”. No aceno que precipita a questão da profissionalização no âmbito da tradução, R5 salienta que não se considera “*profissional da tradução*”, o que parece se justificar, segundo ele, por não ter estudado nem feito cursos de formação, tendo sua entrada na área sido viabilizada pelo conhecimento linguístico de outro idioma adquirido ao longo dos treze anos que morou no exterior e pelos saberes investidos que esta vivência lhe granjeou. O fato de R5 ter aludido à sua condição de tradutor “*não oficial*” sem que tenha sido feita uma pergunta direta sobre o

caráter de oficialidade da profissão traz à tona a voz do Outro entremeada à sua própria: o já-dito dos muitos discursos que circulam sobre a existência de tradutores de categorias oficial e oficiosa. Porventura não seja digressão demais supor que estes discursos imemoriais ressoem o que se verifica na resposta de R4 ao elencar as desvantagens da profissão de tradutor, ainda dentro do sema /tradução como profissionalização/:

“Como principal desvantagem, ressalto a ausência de regulamentação – não há a necessidade de diploma para o ingresso na área. Apenas os Tradutores Públicos e Intérpretes Comerciais possuem regulamentação (Decreto 13.609 de 21 de outubro de 1943) e não há consenso entre os próprios tradutores sobre a necessidade de regulamentação, o que pode ser observado em discussões nas redes sociais.”

Como toda a carreira de R4 está ligada à tradução, visto que ela possui formação superior e pós-graduação *lato e stricto sensu* na área, foi proprietária de uma empresa de tradução e atualmente leciona disciplinas teóricas e práticas relacionadas a este campo em um curso de graduação, é natural que o lugar de onde ela enuncia seja pontuado por inquietações quanto à regulamentação da profissão, cuja ausência é tratada como desvantagem. Ao citar que *“não há consenso entre os próprios tradutores sobre a necessidade de regulamentação”*, R4 recupera o tema da dissonância destes profissionais em torno de uma articulação que poderia servir para a instituição de uma categoria expressiva de trabalhadores com o intuito de gerir as macrodramáticas de sua atividade que esbarram na esfera legislativa e que repercutem no modo como os tradutores projetam a si mesmos, tocando na acepção dos valores sem dimensão que transpassam suas relações sociais e profissionais. Continuando, em uma ponderação acerca da desmobilização dos tradutores enquanto classe laboral, R4 assevera:

“Entretanto, o próprio mercado de trabalho, apesar de não exigir a formação acadêmica, absorve apenas os profissionais competentes, descartando aqueles que fazem da profissão apenas um ‘bico’ ou uma atividade passageira.”

De acordo com R4, como o mercado de trabalho é autorregulado – característica, esta, própria do mercado de capitais, é bom que se diga, e que pressupõe o mínimo de interferência externa possível e uma constante

renormalização em aderência dado o contexto sócio-histórico –, ele parece contornar os reveses que por acaso viriam a surgir em decorrência da não regulamentação da tradução, ou seja, pelo o que é possível depreender discursivamente do enunciado de R4, haveria uma lacuna aberta pela falta de exigência de uma formação acadêmica na área e por meio da qual profissionais que traduzem esporadicamente, donde subtende-se que não há afinco no desempenho da atividade, seriam desprezados, dando espaço para que tradutores competentes e dedicados possam se estabelecer.

Passando para a /tradução como propaganda política/, também é na resposta de R4, ao falar sobre as vantagens da profissão de tradutor, que este sema aparece claramente:

“A demanda por tradutores (...) é grande e faltam profissionais qualificados no Brasil, pois o mercado está em forte expansão. Os eventos esportivos que estão por acontecer em 2014 e 2016 aumentam a oportunidade de trabalho.”

Ainda que não haja uma quantidade suficiente de profissionais competentes que absorvam o volume de traduções oferecidas no mercado, segundo o ponto de vista de R4, os próximos eventos esportivos de grande magnitude que serão sediados em território brasileiro representam mesmo uma oportunidade de trabalho para os tradutores. Há de se traçar um paralelo com o tópico 1.3 A projeção internacional do país e suas consequências para a tradução, constante no primeiro capítulo desta dissertação, que alavancou a atividade desenvolvida pelo tradutor como uma forma de divulgação da cultura nacional e de promoção das relações comerciais entre os muitos países, e discutiu os problemas de tradução identificados em contratos, sinalizações visuais e materiais diversos relacionados aos preparativos para a Copa do Mundo de 2014 no Brasil que vêm sendo veiculados pela imprensa. Conquanto os equívocos de tradução apontados no capítulo 1 não possam ser justificados pela simples falta de existir profissionais competentes em número satisfatório, a afirmação de R4 contribui para pensar no incentivo público e/ou privado – seja por meio, por exemplo, da regulamentação, da difusão de cursos de formação e capacitação, do intercâmbio com especialistas estrangeiros etc. –, que a profissão poderia receber com o objetivo de fomentar esta carreira para atrair potenciais

tradutores, tendo que o desequilíbrio entre a oferta de tradução e a demanda por quem traduza pesa como uma vantagem.

Quando a primeira ideia metodológica para a constituição do corpus do presente estudo foi apresentada no tópico 2.1 Proposta inicial, do capítulo 2. Imbricamento teórico-metodológico, pareceu apropriado comentar sobre a dificuldade que esta pesquisadora teve ao conciliar seu duplo papel de investigadora e tradutora, e de preservar certa neutralidade em face de um objeto – a dinâmica dos processos tradutórios –, que supunha conhecer muito bem. A consequência da adoção de uma postura ergológica, que preconiza que o responsável pela pesquisa deve se aproximar o máximo possível da situação de trabalho para tentar compreender o desenrolar de uma atividade que, mesmo que coincida com a sua prática laboral, deve ser vislumbrada através do olhar de outrem, foi, para esta pesquisadora, uma descoberta autêntica com relação à maneira como o sema /tradução como vanguarda/ despontou em muitas das respostas dos atores sociais implicados, o que, por mais incrível que possa parecer, não havia lhe ocorrido até então, pelo menos não da forma contundente como foi tratada, sob uma acepção um pouco diferente da citada no tópico 1.5 “Formulações-origem” na tradução, do primeiro capítulo, momento em que se propôs esta designação. Ao lembrarem as vantagens da profissão de tradutor, os respondentes R1, R4, R6, R7 e R8, respectivamente, enunciam:

“(...) permite ter acesso a informações atualizadas sobre diferentes assuntos.” [R1]

“Uma das principais vantagens em ser tradutor é a possibilidade de ter acesso a várias fontes de informação em língua estrangeira (...), é aprimorar a sua comunicação e aprendizado (...).” [R4]

“É uma profissão que exige muita pesquisa, então o aprendizado é constante (...).” [R6]

“Conhecer vários assuntos e ler materiais que normalmente eu não leria, ampliando meus horizontes.” [R7]

“Aprender um pouco sobre os mais diversos assuntos.” [R8]

Estes excertos deixam claro que os tradutores não se referem às escolhas lexicais às quais poderia ser atribuída a noção de “formulações-origem”, destacando a natureza inovadora que entrelaça a atividade da tradução; de modo complementar, a /tradução como vanguarda/, aqui, é inferida pela obrigação que

os tradutores têm de se atualizar e continuar aprendendo sempre em função da variedade de temas com os quais lidam, dado que sua competência está atrelada à especialização em um ou mais nichos, algo que não vem sem esforço. É curioso que a incumbência de se manter a par dos mais diversos assuntos seja encarada como uma vantagem pelos respondentes, considerando-se que poderia ser julgada como uma desvantagem caso se pensasse nisto como apenas uma das etapas exigidas para a feitura de uma tradução específica. Ao contrário, a permanente necessidade de estudar e aprimorar o conhecimento funciona como uma espécie de retroalimentação para o tradutor, pois ele tem a chance de entrar em contato com informações privilegiadas em idiomas que não são acessíveis pelo grande público e, ao fazê-lo, divide o que há de mais novo mundo afora com quem compartilha da mesma língua que a sua. O lugar de mediador de culturas distintas que o tradutor ocupa faz com que ele possa ser alçado ao status de detentor de saberes específicos, que vai além das habilidades linguísticas, muito embora a trajetória percorrida para a consolidação e transmissão do conhecimento esteja na sombra da história por ser um dos elementos que compõem sua atividade laboral, componente do trabalho que dificilmente é enxergado, como salienta Schwartz (2003/2010).

Em referência à pergunta de número cinco do questionário, O que você acha das tecnologias de apoio à tradução?, e refletindo, à luz das metáforas da trama e da urdidura abordadas no capítulo anterior, sobre as várias respostas dos atores sociais, pode-se constatar não só como elas corroboram a afirmação de que “o trabalho passa a ser compreendido como um debate renovado entre normas antecedentes e suas tentativas de renormalizações, historicamente contextualizadas e balizadas pelo nível local de atuação concreta do trabalhador” (2003/2010: 107), mas também como a /tradução como ferramenta/ aparece aí como um sema válido. Partindo-se das respostas de R3, que se limitou a dizer “não uso”, e de R9 – “*facilitam o trabalho do tradutor, mas muitas vezes são tão complicadas que não valem à pena*”, os quatro enunciados que se seguem, dos respondentes R1, R6, R7 e R8, estão em aliança entre si com respeito àquilo que é concebido como ferramentas CAT, admitindo-as a partir de uma aceção positiva:

“Fundamentais, impossível um tradutor conseguir sobreviver profissionalmente sem dominar essas ferramentas. Sem o domínio de CAT tools a maioria dos tradutores não conseguirá cumprir com os prazos exigidos atualmente, nem com o alto volume de trabalhos.” [R1]

“Na época da faculdade, como não havia internet, tudo era muito difícil e demorado. Hoje, temos qualquer assunto ao alcance das mãos, o que facilita enormemente a vida de todos. Há também os programas Wordfast e Trados, que auxiliam e dinamizam o processo de tradução.” [R6]

“Bastante necessárias, pois ajudam muito o trabalho, além de manter a coesão das traduções quando vários tradutores trabalham no mesmo projeto. E também tornar a tradução mais rápida, evitando traduções repetidas que já estejam na memória de tradução.” [R7]

“Antes do Google e dos dicionários on-line, quando eu comecei a traduzir, era extremamente difícil fazer uma tradução técnica ou descobrir o significado de determinada gíria, por exemplo, porque dispúnhamos apenas de dicionários em papel, obviamente limitados e defasados. Eu cheguei a ir a bibliotecas públicas para pesquisar determinadas palavras. Hoje está tudo absolutamente mais fácil e rápido.” [R8]

Além de frisarem a importância destas ferramentas, é cabível observar como a perspectiva sócio-histórica emerge nas falas de R1 – *“prazos exigidos atualmente”*, subentendendo que, antes, os períodos concedidos para se realizar uma tradução não eram tão exíguos, de R6 – *“na época da faculdade, como não havia internet”* e de R8 – *“Antes do Google e dos dicionários on-line (...). Eu cheguei a ir a bibliotecas públicas para pesquisar determinadas palavras”*, ambos tornando evidente como e quanto os avanços tecnológicos impactaram esta atividade de trabalho. Já as respostas de R2 e R10, embora também reconheçam a utilidade de tais ferramentas, manifestam preocupação quanto ao trabalho do tradutor e à recepção do produto final pelo consumidor:

“As tecnologias de apoio à tradução servem, estritamente, para apoiar o tradutor. O tradutor deve saber utilizá-las da melhor forma possível e nunca depender totalmente delas. Acho que são ferramentas essenciais, mas que exigem uma boa dose de interpretação, sensibilidade e tato para que o produto final não tenha um aspecto ‘robótico’ em seu acabamento. Quando mal utilizadas, as tecnologias de apoio escravizam os tradutores e impedem que eles analisem o trabalho de uma forma mais humana. Mas elas poupam bastante o tempo precioso dos tradutores.” [R2]

“Acho que vieram para ajudar o tradutor (...), especialmente no que concerne o tempo despendido e homogeneidade do texto final. As tecnologias ajudam o tradutor a manter o texto relativamente homogêneo em estilo e em terminologia ao ‘memorizar’ termos usados previamente e no decorrer da tradução (...). Em traduções técnicas, de textos com instruções para manuseio de uma máquina ou produto, por exemplo, é importante que terminologias que se repetem (ou instruções que se

repetem) sejam traduzidas aproximadamente da mesma forma no decorrer do texto como um todo, para facilitar sua leitura pelo consumidor. Se bem traduzido, o texto técnico homogêneo como um todo torna-se 'consumer-friendly' – voltado para o bem-estar do consumidor.” [R10]

O entendimento de R2 de que “quando mal utilizadas, as tecnologias de apoio escravizam os tradutores e impedem que eles analisem o trabalho de uma forma mais humana” sugere, de certa maneira, que as ferramentas CAT são uma espécie de modelo de organização científica do trabalho, a exemplo do taylorismo, em que uma gama de normas antecedentes é estabelecida na tentativa de se prever o que ocorre no real da atividade e preencher as possíveis lacunas surgidas. Por se tratar de um ambiente coercitivo, em que a autonomia de criação e de expressão da qual o tradutor supostamente gozaria é cerceada pela memorização da materialidade textual que a máquina automatiza, R2 admite uma reserva quanto ao traço de robotização das traduções processadas por meio destes programas. Quando R10 toca no que seria a recepção destas traduções pelo consumidor final, traz para a cena o Outro – para quem se traduz e pondera sobre como se traduz, aspectos que o tradutor sempre deve ter em mente durante a prática da sua atividade. Outro elemento que vem à tona nos enunciados de R4 e R5 refere-se aos valores monetários praticados em um cenário que requer o uso das ferramentas CAT:

“As tecnologias de apoio à tradução (...) afetaram a prática tradutória e até mesmo redefiniram algumas das tarefas do tradutor. Estes recursos conferem agilidade e aumento de produtividade à tradução mantendo a competitividade do profissional no mercado de trabalho. Porém, requerem altos investimentos e aprendizagem da tecnologia envolvida, é o caso das memórias de tradução. Ao contrário da tradução automática, que parecia representar uma ameaça à função do tradutor, a memória de tradução apresenta-se como verdadeira aliada ao tradutor por gerenciar a tarefa tradutória e não traduzi-la automaticamente. As agências de tradução exigem sua utilização por parte dos tradutores agenciados, entretanto, pedem desconto ou não pagam por segmentos que apresentem repetições (...), representando uma redução no valor a ser pago pelos serviços do tradutor.” [R4]

“Ótimas. Quanto mais tecnologia e mais precisas forem, melhor. Ajudam a agilizar o processo. Por enquanto não vi uma agilidade maior (como a que o Google Translate supostamente proporciona) se transformar em menos retorno financeiro. Ou seja, não vi empresas pagarem menos ao tradutor só porque existe um recurso que dá uma pequena agilizada ao tradutor. Por mais avançada que a tecnologia seja para traduzir, ela não irá substituir o conhecimento e feeling do tradutor em suas escolhas de palavras, frases e sintaxe. Tem muita cultura e conhecimento envolvido, muito entendimento de dois países (por exemplo, Brasil e EUA) para um

software computar. Muitas nuances de como interpretar e traduzir um texto.” [R5]

Nota-se que há percepções opostas nestes trechos com relação ao que os respondentes pensam sobre a forma como o tradutor passou a ser remunerado com o advento das ferramentas CAT. Enquanto R4 comenta que *“as agências de tradução exigem sua utilização por parte dos tradutores agenciados, entretanto, pedem desconto ou não pagam por segmentos que apresentem repetições (...), representando uma redução no valor a ser pago pelos serviços do tradutor”*, R5 observa: *“por enquanto não vi uma agilidade maior (...) se transformar em menos retorno financeiro. Ou seja, não vi empresas pagarem menos ao tradutor só porque existe um recurso que dá uma pequena agilizada ao tradutor”*. Apesar de estarem se referindo a tipos diferentes de ferramentas CAT, ou seja, R4 fala de softwares de memória de tradução e R5 expressa sua visão sobre a utilização de softwares de tradução automática, e retomando a tônica de que este mercado é bastante fragmentado no que tange à gestão do trabalho, é plausível que haja clientes que diferenciem o valor pago pela tradução desempenhada com o auxílio de ferramentas CAT, ao passo que outros mantenham a mesma faixa de preço para serviços que eventualmente possam se valer do processamento mecanizado dos textos.

A sexta e última pergunta do questionário, Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela sociedade?, abriu a possibilidade de caracterizar o sema /tradução como castigo/ não mais conforme proposto no tópico 1.1 Gênese da tradução no Brasil, do primeiro capítulo, mas, em vez disso, a partir das acepções de anonimato, desvalorização e invisibilidade que, de uma maneira ou de outra, estão presentes em todas as respostas fornecidas, podendo ser divididas entre as que tratam especificamente do apagamento da profissão, as que atribuem certa valorização ao trabalho realizado pelos tradutores literários e as que trazem a voz do Outro como forma de indicar a desinformação coletiva sobre a atividade desempenhada pelos tradutores técnicos e o conseqüente juízo de valores equivocado que se faz desta carreira. No grupo dos respondentes que se concentram particularmente na falta de valorização da tradução figuram os seguintes discursos:

“A área de tradução é marcada por uma invisibilidade social e textual do profissional: não existe um número oficial de tradutores que atuam no Brasil, exceto de tradutores “juramentados” (Tradutores Públicos e Intérpretes Comerciais); a população em geral desconhece o papel do tradutor criando crenças sobre a tarefa tradutória, tais como, basta apenas um bom dicionário ou saber uma língua estrangeira para ser um tradutor, todo tradutor é um traidor; (...) até mesmo nas teorias tradicionais de tradução, o tradutor deve produzir textos que não pareçam traduzidos, o que colabora com sua invisibilidade.” [R4]

“O trabalho do tradutor não é reconhecido como deveria. Muitas pessoas acham que só porque sabem falar algum idioma, já estão aptas a sair por aí traduzindo, ou, então, acham que o tradutor do Google resolve qualquer problema. Sem contar o preço que querem pagar pelo nosso trabalho. É preciso sempre chegar a um meio-termo, senão sairemos perdendo sempre.” [R6]

“Creio que seja um trabalho totalmente ignorado pela grande maioria das pessoas. Só quem precisa dela dá algum valor.” [R9]

O fragmento extraído da resposta de R4 aponta para a invisibilidade social e textual a que o tradutor é historicamente relegado e que se encontra redobrada pelos efeitos da dispersão geográfica em um mundo globalizado, constatação ainda mais acentuada pelo regime de trabalho autônomo da maioria dos profissionais da área, de cuja representatividade numérica não se tem registro. O imaginário popular de que bons materiais de referência são suficientes para se traduzir também é mencionado por R4 e R5, e R4 recupera, inclusive, o adágio italiano *traduttore, traditore*, que alude à suposta traição que todo tradutor comete em relação ao conteúdo original que tem em mãos, tipificando o profissional como um transgressor. A respondente R9 diz, ainda, que o valor deste trabalho seria reconhecido tão somente por usuários consumidores do serviço, e não pela população como um todo. Já entre os que creem que a tradução literária é mais valorizada em detrimento da tradução técnica estão os respondentes R1, R3 e R8:

“Há uma grande polarização. Algumas pessoas estão achando que o tradutor é uma peça absolutamente obsoleta. Por outro lado, está havendo um movimento de revalorização dos tradutores- principalmente dos literários.” [R1]

“Focando a tradução técnica, área em que atuo, acredito que a visão da sociedade seja a de um trabalho que pode ser realizado por qualquer pessoa que tenha o domínio de, pelo menos, um par de línguas. (Eu, pessoalmente, acredito que o tradutor deve ter conhecimento técnico em sua área de trabalho.) Com base no que ouço das pessoas ao meu redor,

em geral, a tradução técnica não é um trabalho valorizado. Creio que a tradução literária seja intelectualmente mais valorizada.” [R3]

“Infelizmente apenas os tradutores literários têm algum tipo de reconhecimento. Nos episódios que eu traduzo (...), o tradutor sequer recebe os créditos – apenas a empresa que fez a dublagem / legendagem. Eu me lembro que, quando comecei a trabalhar, há 18 anos, um tradutor mais experiente me disse: ‘Tradutor é como juiz de futebol – só aparece quando faz besteira’. E eu me acostumei a isso. Nós podemos traduzir 100 mil palavras com perfeição; mas, se errarmos uma, seremos execrados por ela.” [R8]

Em R3 está presente a ideia de que a sociedade acredita que as competências de um bilinguismo dariam conta da tradução, embora a respondente ressalte a importância da aquisição de conhecimentos técnicos dos nichos nos quais o tradutor desenvolverá sua atividade, algo que o simples fato de ser bilíngue não prevê. Além disso, R3 parece concordar com R1 no sentido de que a valorização pende para a tradução literária. A invisibilidade em si é reiterada por práticas do setor como, por exemplo, a de não dar crédito ao tradutor responsável pelo trabalho desenvolvido, praxe na área técnica, como aponta R8 acerca do que ocorre nas modalidades de dublagem e de legendagem, o que contribui para o apagamento de quem traduz, como se seu papel social fosse irrelevante. O respondente R8 recorda-se de uma analogia do trabalho do tradutor com o do juiz de futebol, figura que caminha sobre uma linha tênue que divide o amor e o ódio dos fanáticos pelo esporte, e cuja atuação é, em geral, questionável. Se a defesa é sempre o melhor ataque e indo um pouco mais longe na paridade entre estas profissões sem pretender a uma digressão, da mesma forma que se convencionou dizer que “a culpa foi do juiz” quando há um time cuja derrota supostamente pode ser atribuída a equívocos de arbitragem, parece existir, caso seja retomada a seção 1.3 A projeção internacional do país e suas consequências para a tradução, do primeiro capítulo, certa tendência em acusar a tradução de erro ao invés de se assumir que determinadas posturas diplomáticas talvez não tenham sido as mais adequadas em dada ocasião. Historicamente, a pecha é imputada à tradução e, portanto, ao tradutor.

A voz do Outro é recuperada pelos respondentes R2, R5, R7 e R10, nos trechos a seguir que relatam como a sociedade vê o trabalho do tradutor sem enxergar sua atividade:

“Quando alguém me pergunta com o que eu trabalho e digo que sou tradutor, a primeira reação é de surpresa ou espanto por ser uma profissão incomum. A segunda reação é de curiosidade, geralmente acompanhada pela pergunta ‘Então, você sabe bastante inglês?’ ou ‘Então, você é fluente em inglês?’(...) Algumas pessoas também já me abordaram para que eu desse ‘dicas’ sobre como trabalhar com tradução, pois elas estavam desempregadas e precisavam de um ‘bico’ para trabalhar em casa enquanto não achassem outro emprego. Ora, as pessoas não percebem que um tradutor leva anos para se aprimorar naquilo que faz. Há um conceito geral bastante equivocado de que o trabalho do tradutor seja temporário ou até mesmo uma ‘distração’ ou ‘diversão’. Em relação à legendagem, após explicar resumidamente o que eu faço, algumas pessoas dizem ‘Então, você fica na boa, só vendo filme o dia inteiro? Puxa, eu queria ter um trabalho assim.’ Esse tipo de opinião já me incomodou. Hoje, não incomoda mais, pois eu sei que o tradutor sempre permaneceu numa ‘face oculta’ da sociedade. Eu diria de forma exagerada que a profissão chega a ser mística, pois a sociedade em geral não faz ideia de que um texto que aparece timidamente por alguns segundos na tela da TV exige muito raciocínio, interpretação e esforço de quem o traduziu. As pessoas acham que o texto aparece como mágica, de forma automática, como se aquilo fosse obra de um gnomo ou da ‘fada das legendas’. Geralmente, elas não sabem que há muitas pessoas por trás de duas linhas de texto numa tela e por isso mesmo, desprezam esse trabalho ou não dão importância. Mas quando não há legenda durante a exibição, elas percebem a falta que faz.” [R2]

“Pensam que é moleza e que não é ‘trabalho de verdade’. Já sofri, e sofro esse preconceito, com amigos engenheiros e administradores me ligando e falando: ‘Muito trabalho aí? Que vida boa, hein’. É um reflexo do que a maioria pensa (sei disso, pois como músico e artista, é obviamente a mesma situação, só que mais intensa, claro).” [R5]

“Acham que não é uma profissão séria ou que não se pode ganhar dinheiro com isso. Minha própria mãe acha que eu não tenho um trabalho, apesar de eu já ser tradutor há mais de 5 anos e ganhar 3 ou 4 vezes mais do que ganhava como analista de sistemas (...) e ter muito mais liberdade fazendo o que gosto.” [R7]

“Mesmo nos setores mais esclarecidos da população, como o dos professores universitários, é comum ouvir pedidos de tradução no final da tarde, com a famosa solicitação, em tom de ‘chorinho’: ‘Ah... não dá pra me entregar amanhã? É tão fácil! São só cinco pagininhas...’” [R10]

A concepção de que a tradução não é um trabalho sério nem rentável, estando mais para um passatempo, é citada por R2, R5 e R7. O respondente R2 fala até do misticismo no qual a profissão estaria imiscuída, visto que a maioria das pessoas desconhece o intrincado processo exigido para a confecção de uma tradução bem feita. Os respondentes R2 e R5 afirmam ouvirem com frequência comentários que são muito semelhantes, do tipo *“Então, você fica na boa (...)”* e *“Que vida boa, hein?”*, respectivamente, quando são interpelados sobre sua atividade, o que consubstancia o imaginário coletivo de que o trabalho do tradutor é fácil de ser realizado. E, segundo R10, a situação não muda muito nem *“nos*

setores mais esclarecidos da população, como o dos professores universitários (...)” que, por insistirem em prazos de entrega apertados para suas demandas de tradução, reforçam a pretensa banalidade no que consiste o ato de traduzir. Aspectos dignos de nota no que tange às dramáticas da atividade, o sofrimento dos tradutores e o preconceito com o qual têm de lidar rotineiramente emergem nos trechos *“Esse tipo de opinião já me incomodou. Hoje não me incomoda mais, pois eu sei que o tradutor sempre permaneceu numa ‘face oculta’ da sociedade”* (R2) e *“Já sofri, e sofro esse preconceito”* (R5), e R7 conta que, mesmo que a remuneração seja maior em comparação a outras carreiras e que se tenha prazer em sua prática laboral, a discriminação pode estar no seio da própria família.

O apanhado geral dos enunciados articulados mostra que a questão do castigo, hoje, apesar de estar vinculada às macrodramáticas com as quais o tradutor depara-se, coincidentes com aspectos de visibilidade, reconhecimento, autonomia, preconceito e discriminação, carrega traços históricos de marginalização de uma atividade constitutivamente silenciosa quando bem-sucedida e cujo avesso provoca estrondos difíceis de justificar. Portanto, a gestão dos valores que balizam a prática do profissional da tradução é deveras complexa por extrapolar o âmbito das microdramáticas constatadas por meio de escolhas lexicais, de opções por ferramentas e materiais de apoio, da organização do tempo, e da relação com clientes, e esbarrar em noções cristalizadas no nível macro acerca do saber-fazer do tradutor que permeiam o imaginário do senso comum. A impressão que se tem é a de que este profissional tem a missão não só de cumprir com as obrigações referentes à sua atividade, todavia a de também convencer o outro da sua existência e importância, e provar continuamente sua relevância em uma conjuntura sócio-histórica em que as ferramentas *CAT* ainda não são autossuficientes nem gnomos ou fadas podem ser evocados para fazer as vezes do tradutor, em um passe de mágica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o objetivo desta dissertação era dar visibilidade ao trabalho desempenhado pelo tradutor técnico e tomando em perspectiva o percurso de pesquisa empreendido, pode-se afirmar que o intuito primeiro foi superado em virtude das adversidades surgidas com respeito à metodologia e encaradas como uma oportunidade de repensar proposições *stricto sensu* para, em seguida, sugerir outros caminhos a serem percorridos. Embora não tenha se estabelecido esta relação anteriormente, é importante abordar aqui, para corroborar o desfecho do estudo, que não é de hoje que a Tradução é atrelada à Linguística como forma de filiá-la a uma doutrina científica: enquanto Catford (1965/1980) concebia a Tradução como um ramo da Linguística Comparativa e Nida (1975) aproximava-a de uma aliança com a Linguística Transformacional, Vinay & Darbelnet (1977) tratavam de circunscrevê-la como um campo calcado no estruturalismo. A proposta de contemplar a Tradução sob o viés da Linguística Aplicada foi aventada pelo caráter de redescrição da vida social e de reposicionamento do sujeito que a LA apresenta, o que, por si só, já seria um avanço em relação às teorias tradicionalistas, porém não suficiente para analisar a forma de trabalho do tradutor. Para tanto, a articulação entre Análise do Discurso francesa e Ergologia pareceu apropriada para operacionalizar a abordagem da atividade laboral de natureza demasiado fluida desempenhada por este profissional, entendido como sujeito discursivo-ergológico atravessado pelo já-lá de outras vozes e às voltas com as contínuas renormalizações exigidas pelo debate de valores e de normas do seu ofício. A relação diacrônica estabelecida ao longo da pesquisa com o suporte das condições históricas de produção, conforme exposto em detalhes no primeiro capítulo, mostra como a tradução evolui com o tempo e, conseqüentemente, como o papel do tradutor transforma-se. Por meio dos semas formulados de /tradução como castigo/ e /tradução como vanguarda/, passando pela /tradução como profissionalização/, como /propaganda política/ e como /ferramenta/, contextos sócio-históricos distintos puderam ser identificados e recuperados, de acordo com a análise que consta no terceiro capítulo, através dos discursos dos tradutores que participaram como atores sociais ao responderem ao questionário proposto. Tais semas

colaboraram, ainda, para constatar como o posicionamento identitário dos tradutores é marcado pela relação que travam com o meio no qual estão inseridos e pela maneira como (não) são enxergados pelo Outro. Não é demais recordar que estes encaminhamentos só foram possibilitados a partir da reflexão metodológica do que constitui o fazer do próprio pesquisador, tornando plausível propor que se assuma o papel de analista do discurso-ergólogo a fim de abarcar o entroncamento dos seus pressupostos de base, além das especificidades que caracterizam o panorama brasileiro e que influem no modo como as pesquisas são conduzidas, em consonância com o exposto no segundo capítulo.

Entre as principais contribuições deste estudo, aponta-se a relevância de trazer à luz os comentários tecidos acerca da invisibilidade da atividade do tradutor, que também poderiam se referir a outras tantas profissões que são historicamente submetidas a um processo de apagamento social, como, por exemplo, e a lista seria enorme, o trabalho desempenhado pelos operadores de caixa, empacotadores de supermercado, vendedores ambulantes, enfermeiros, empregados domésticos, garçons, manobristas, garis, manicures, seguranças, carteiros, donas de casa, produtores de arte, operários e trabalhadores rurais. A pertinência em dar voz ao trabalhador, seja ele quem for, e abrir espaço para que ele fale de sua atividade é um dos preceitos da Ergologia por não admitir nenhum ofício como mais importante do que outro, especialmente ao se levar em consideração o número cada vez maior de ocupações que são (re)inventadas no mundo contemporâneo graças aos avanços tecnológicos e às necessidades de vida que se renovam, e onde o valor do indivíduo não deveria ser aferido pelo cargo que ocupa, mas, ao contrário, pela sua competência e caráter, independentemente da atividade que exerça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEDETTI, Ivone; SOBRAL, Adail (org). **Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. pp. 17-31.

BENJAMIN, Walter. "A tarefa do tradutor." Tradução Susana Kampff Lages. In: **Escritos sobre mito e linguagem**. [1915-1921] Organização Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011. pp. 101-119.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da Vulgata pelo Pe. Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas (45ª edição), 1988. pp. 35; 1185.

BRASIL/Casa Civil. **Decreto nº 13.609**, de 21/10/1943. Estabelece novo regulamento para o ofício de Tradutor Público e Intérprete Comercial no território da República. CLBR, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1943. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D13609.htm. Acesso em 01/07/2013.

BRASIL/MTE. **Classificação Brasileira de Ocupações**. 2614: Filólogos, tradutores, intérpretes e afins. Disponível em <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em 01/07/2013.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. [1943] Tradução Maria Thereza Redig de C. Barrocas e Luiz Octávio F. B. Leite. São Paulo: Forense Universitária, 1966.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. [2004] Coord. da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto (2ª edição), 2008. pp. 114-115.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública**. Tradução Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006. pp. 58-110.

_____. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução Cristina de Campos Velho Birck, Didier Martin, Maria Lúcia Meregalli, Maria Regina Borges Osório, Sandra Dias Loguércio e Vincent Leclercq. São Carlos: EdUFSCar, 2009. pp. 45-68.

GADET, Françoise; HAK, Tony (org). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. [1990] Tradução Bethania S. Mariani... [et al]. Campinas: Editora da Unicamp (4ª edição), 2010. pp. 7-10; 73-75.

GUÉRIN, François... [et al]. **Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia**. [1997] Tradução Giliane M. J. Ingratta e Marcos Maffei. São Paulo: Blücher: Fundação Vanzolini, 2001. pp. 1-46.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. [1987] Tradução Freda Indursky. Campinas: Editora da Unicamp – Pontes Editores (3ª edição), 1997. pp. 9-25; 53-71.

_____. **Análise de textos de comunicação**. [2000] Tradução Maria Cecília P. Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez Editora (6ª edição ampliada), 2013. pp. 41-44.

_____. **Gênese dos discursos**. [1984] Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. pp. 31-136.

_____. **Cenas da enunciação**. Organização Sírio Possenti e Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. pp. 11-26.

MITTMANN, Solange. **Notas do tradutor e processo tradutório: análise sob o ponto de vista discursivo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. pp. 107-132.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (org). **Por uma linguística indisciplinar**. [2006] São Paulo: Parábola (2ª edição), 2008. pp. 13-105; 129-147; 253-274.

ODDONE, Ivar... [et al]. **Redécouvrir l'expérience ouvrirère**. Paris: Messidor, 1981.

OLHER, Rosa Maria. "Tradução, originalidade e autoria na ordem do discurso." In: **Estudos do texto e do discurso: práticas discursivas na contemporaneidade**. Organização Pedro Navarro e Sírio Possenti. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012. pp. 131-150.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de; SILVEIRA, Sonia Bittencourt. "O(s) sentido(s) do trabalho na contemporaneidade." In: **Veredas On-line**. vol. temático. Juiz de Fora: PPG Linguística/Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012. pp. 149-165.

ORLANDI, Eni Pucinelli. "Michel Pêcheux e a Análise de Discurso." In: **Revista Estudos da Língua(gem)**. vol. 1. Vitória da Conquista: Departamento de Estudos Linguísticos e Literários/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2005. pp. 9-13.

OTTONI, Paulo (org). "Introdução." In: **Tradução: a prática da diferença**. [1996] Campinas: Editora da Unicamp (2ª edição rev.), 2005. pp. 11-19.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. São Paulo: Parábola, 2009. pp. 13-31; 59-84; 129-147.

_____. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009. pp. 9-19; 61-70; 141-152; 153-168.

REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. “Tradução e linguagem.” São Paulo: Segmento. Edição Especial. pp. 6.

_____. “Tradução aos milhões.” São Paulo: Segmento. n. 80. Jun., 2012.

_____. “O português no mundo.” São Paulo: Segmento. n. 83. Set., 2012.

_____. “Explosão de traduções.” São Paulo: Segmento. n. 85. Nov., 2012.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. [2004] Tradução Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Edições Cotovia, 2005.

RONÁI, Paulo. **Escola de tradutores**. [1952] Rio de Janeiro: José Olympio (7ª edição), 2012. pp. 33-49; 57-62.

SCHÖN, Donald A. **The reflective practitioner: how professionals think in action**. Nova York: Basic Books, 1983.

SCHWARTZ, Yves. “Trabalho e valor”. Tradução Maria das Graças de S. do Nascimento. In: **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**. São Paulo, vol. 8 (2). Out, 1996. pp. 147-158.

_____. “L’homme, le marché, la cité.” In: **C’est quoi le travail**. Paris: Autrement, 1997. pp. 110-127.

_____. “Circulações, dramáticas, eficácias da atividade industrial.” In: **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, vol. 2 (supl. 1). 2004. pp. 33-55.

_____; DURRIVE, Louis (org). **Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. [2003] Coord. da tradução e revisão técnica Jussara Brito e Milton Athayde. Niterói: EdUFF (2ª edição), 2010.

_____. “Manifesto por um ergoengajamento.” [2009] In: Bendassolli, P.F.; Soboll, L.A.P (orgs) **Clínicas do Trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho da atualidade**. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

_____. “Conceituando o trabalho, o visível e o invisível.” In: **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, vol. 9 (supl. 1). 2011a. pp. 19-45

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília P. “Quais as contribuições da linguística aplicada para a análise do trabalho?” In: Figueiredo, M.; Athayde, M.; Brito, J. & Alvarez, D. (orgs) **Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo**. Rio de Janeiro: Ed. DP & A, 2004. pp. 188-213.

_____. “Atividade de Linguagem, Atividade de Trabalho: Encontro de Múltiplos Saberes.” In: **Revista Intercâmbio**. vol. XVIII. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2008. pp. 1-21.

_____; ROCHA, Décio. “Por que ler Gênesis dos discursos?”. In: **ReVEL**. vol. 7, n. 13, 2009.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. [1988] Tradução Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo; revisão técnica Stella Tagnin. Bauru: EDUSC, 2002. pp. 21-63; 129-167.

_____. **The translator’s invisibility: a history of translation**. [1995] London: Routledge (2ª edição), 2008. pp. 1-34.

WISNER, Alain. “Questions épistémologiques autour de l’ergonomie.” In: Daniellou, F. (dir) **L’ergonomie en quête de ses principes**. Toulouse: Octares, 1996. pp. 29-55.

WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ANEXO

Questionários

Com o intuito de preservar a identidade dos tradutores que se voluntariaram a participar desta pesquisa, optou-se por substituir os dados passíveis de identificação por “XXX”.

Respondente 1

1) Qual é sua formação?

Graduação - Letras Tradução

Especialista - Tradução (XXX)

Mestre em Linguística Aplicada (XXX)

Doutoranda (XXX, Língua e Literatura Inglesa)

2) Há quanto tempo você trabalha como tradutor(a)?

15 anos.

3) Que áreas você traduz?

Basicamente saúde (medicina, odontologia, química, farmacologia, nutrição).

4) Fale sobre as vantagens e as desvantagens da profissão de tradutor.

Vantagens

- enquanto freelancer, posso fazer meu horário de trabalho conforme meus interesses e necessidades, ganhos proporcionais à carga de trabalho, permite ter acesso a informações atualizadas sobre diferentes assuntos.

Desvantagens

- falta de garantias de rendimento constantes (os famosos “altos e baixos”), clientes que não entendem o valor da tradução, que esperavam pagar muito menos.

5) O que você acha das tecnologias de apoio à tradução?

Fundamentais, impossível um tradutor conseguir sobreviver profissionalmente sem dominar essas ferramentas. Sem o domínio de CAT tools a maioria dos

tradutores não conseguirá cumprir com os prazos exigidos atualmente, nem com o alto volume de trabalhos.

6) Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela sociedade?

Há uma grande polarização. Algumas pessoas estão achando que o tradutor é uma peça absolutamente obsoleta. Por outro lado, está havendo um movimento de revalorização dos tradutores - principalmente dos literários.

Respondente 2

1) Qual é sua formação?

Superior incompleto (6 semestres) em Letras com especialização em Tradução e Interpretação pela XXX - São Paulo.

2) Há quanto tempo você trabalha como tradutor(a)?

Desde 2001.

3) Que áreas você traduz?

Tradução para legendagem de filmes e séries para TV a cabo;

Tradução jurídica para contratos e acordos diversos.

4) Fale sobre as vantagens e as desvantagens da profissão de tradutor.

Vantagens:

- Horários flexíveis;
- Tenho tranquilidade para trabalhar como eu quiser, no ambiente mais propício para mim e usando o equipamento que eu quiser.;
- Aproveito mais o meu tempo e posso produzir mais, pois não preciso me deslocar e perder horas no trânsito e não perco tempo com reuniões improdutivas, desentendimentos com colegas e insatisfação com chefes e superiores;
- Tenho mais liberdade no trabalho e não dependo de chefes para implementar ideias;
- Flexibilidade para criar minhas próprias regras sem sacrificar padrões e regulamentos impostos pelo cliente;

- Flexibilidade para programar minhas férias;
- Aprendi a desenvolver a capacidade de lidar com críticas;
- Aprendi a me organizar melhor financeiramente;
- Não sofro assédio moral e não sou pressionado desnecessariamente por conta de conflito de egos ou pendências emotivas;
- Tenho bom rendimento financeiro quando sou apoiado por uma boa empresa ou equipe que reconhece devidamente minha função.

Desvantagens:

- Os horários flexíveis podem afetar o sono e a qualidade de vida, de vez em quando;
- A tranquilidade para trabalhar como eu quiser pode gerar procrastinação e estresse por ansiedade;
- Muitas vezes, o acúmulo de trabalho me afasta da família e dos amigos;
- Muitas vezes, trabalhando numa empresa, o tradutor se depara com equipamentos inapropriados e condições que afetam a qualidade do trabalho;
- Tenho flexibilidade para programar minhas férias e horas de folga, mas sempre sacrificando muitos feriados e trabalhando durante o fim de semana;
- O bom rendimento financeiro depende de muita pesquisa e indicação para saber com quem ou para quem trabalhar, além de uma boa organização do próprio cliente ou da empresa onde o tradutor trabalha;
- Muito pouco é discutido ou revelado sobre o cotidiano da profissão, pois muitos tradutores, sobretudo os autônomos, têm medo ou evitam a concorrência para impedirem o interesse de outro tradutor sobre sua vaga;
- "Calotes" ou inadimplências de clientes. Isso acontece muito por falta de iniciativa dos tradutores de estabelecerem regras e apenas aceitarem o que é imposto pelos clientes por conta do risco de perderem o trabalho para outros tradutores. É preciso cobrar sempre e estabelecer prazos para pagamento;
- Ouvir muitas críticas sobre o trabalho. É um fator corriqueiro. O tradutor que não souber lidar com isso raramente consegue se aprimorar e desenvolver um bom trabalho;
- Ter de "atirar para todos os lados" quando o tradutor está começando. É raro um tradutor iniciar uma carreira totalmente especializado num tema.

- Muitas vezes, a equipe do cliente (revisores, coordenadores de projetos e gerentes inexperientes) não colabora e cria entraves para o cumprimento de regras, fazendo com que o trabalho seja sabotado ou alterado demais.

5) O que você acha das tecnologias de apoio à tradução?

As tecnologias de apoio à tradução servem, estritamente, para apoiar o tradutor. O tradutor deve saber utilizá-las da melhor forma possível e nunca depender totalmente delas. Acho que são ferramentas essenciais, mas que exigem uma boa dose de interpretação, sensibilidade e tato para que o produto final não tenha um aspecto "robótico" em seu acabamento. Quando mal utilizadas, as tecnologias de apoio escravizam os tradutores e impedem que eles analisem o trabalho de uma forma mais humana. Mas elas poupam bastante o tempo precioso dos tradutores.

6) Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela sociedade?

Na minha opinião, o trabalho do tradutor é visto pela sociedade de uma forma anônima. É raríssimo encontrar ou conhecer tradutores fora do ambiente normal de trabalho. E como muitos deles acabam trabalhando em casa de forma autônoma, fica mais difícil ainda encontrá-los casualmente. Não é uma profissão tradicional, certamente. Porém, é uma das mais antigas do mundo. Quando alguém me pergunta com o que eu trabalho e digo que sou tradutor, a primeira reação é de surpresa ou espanto por ser uma profissão incomum. A segunda reação é de curiosidade, geralmente acompanhada pela pergunta "Então, você sabe bastante inglês?" ou "Então, você é fluente em inglês?" As pessoas geralmente confundem "fluência" com "conhecimento da língua ou do idioma" e isso é algo que eu sempre devo explicar, pois a fluência, na minha opinião, está mais em falar e vivenciar o idioma no cotidiano do que na capacidade de ler e entender um texto escrito. O conhecimento do idioma é você saber o que cada expressão significa no contexto do idioma alvo, sem precisar praticar a língua falada todos os dias. Ou seja, um nativo brasileiro que mora num país de língua inglesa há anos não necessariamente teria a capacidade de se tornar um tradutor apenas pelo fato de morar em outro país e praticar aquele idioma. Assim como o tradutor que mora no país de sua nacionalidade pode não saber falar com a

mesma fluência do nativo brasileiro que mora em outro país, mas as pessoas automaticamente associam a profissão de "tradutor" com a fala, quando na verdade está muito mais ligada à "escrita". Algumas pessoas também já me abordaram para que eu desse "dicas" sobre como trabalhar com tradução, pois elas estavam desempregadas e precisavam de um "bico" para trabalhar em casa enquanto não achassem outro emprego. Ora, as pessoas não percebem que um tradutor leva anos para se aprimorar naquilo que faz. Há um conceito geral bastante equivocado de que o trabalho do tradutor seja temporário ou até mesmo uma "distração" ou "diversão". Em relação à legendagem, após explicar resumidamente o que eu faço, algumas pessoas dizem "Então, você fica na boa, só vendo filme o dia inteiro? Puxa, eu queria ter um trabalho assim." Esse tipo de opinião já me incomodou. Hoje, não incomoda mais, pois eu sei que o tradutor sempre permaneceu numa "face oculta" da sociedade. Eu diria de forma exagerada que a profissão chega a ser mística, pois a sociedade em geral não faz ideia de que um texto que aparece timidamente por alguns segundos na tela da TV exige muito raciocínio, interpretação e esforço de quem o traduziu. As pessoas acham que o texto aparece como mágica, de forma automática, como se aquilo fosse obra de um gnomo ou da "fada das legendas". Geralmente, elas não sabem que há muitas pessoas por trás de duas linhas de texto numa tela e por isso mesmo, desprezam esse trabalho ou não dão importância. Mas quando não há legenda durante a exibição, elas percebem a falta que faz. Além disso, a sociedade confunde muito o que é tradutor, dublador e intérprete. Claro que essas funções estão ligadas, mas muitas pessoas acham que elas são cumpridas pelo mesmo profissional. O mesmo acontece com contratos, acordos ou mais. Muitas pessoas não fazem ideia de que tal contrato em português foi originalmente escrito em norueguês, traduzido para o inglês e traduzido de novo para o português. Ou não sabem ou têm pouca noção de que um manual original em inglês foi traduzido para 30 idiomas e distribuído no mundo todo.

Respondente 3

1) Qual é sua formação?

Graduação em Medicina Veterinária e MBA em Administração e Marketing.

2) Há quanto tempo você trabalha como tradutor(a)?

Aproximadamente 8 anos.

3) Que áreas você traduz?

Áreas médica, química, farmacêutica e manuais.

4) Fale sobre as vantagens e as desvantagens da profissão de tradutor.

Para mim, as principais vantagens são a possibilidade de trabalhar em casa e de fazer meu próprio horário de trabalho, além de trabalhar sozinha. Porém, não acho que seja um trabalho dinâmico e a posição de trabalho e os movimentos repetitivos predisõem a lesões por esforço repetitivo. No meu caso, isso tem sido impeditivo. Além disso, a remuneração, em geral, está muito ruim e, como autônomos, não recebemos os benefícios do vínculo CLT, além de não termos a segurança de um salário fixo.

5) O que você acha das tecnologias de apoio à tradução?

Não uso.

6) Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela sociedade?

Focando a tradução técnica, área em que atuo, acredito que a visão da sociedade seja a de um trabalho que pode ser realizado por qualquer pessoa que tenha o domínio de, pelo menos, um par de línguas. (Eu, pessoalmente, acredito que o tradutor deve ter conhecimento técnico em sua área de trabalho.) Com base no que ouço das pessoas ao meu redor, em geral, a tradução técnica não é um trabalho valorizado. Creio que a tradução literária seja intelectualmente mais valorizada.

Respondente 4**1) Qual é sua formação?**

Sou graduada em Letras: Tradutor e Intérprete pela XXX (1992); pós-graduada (Lato-sensu) em Gramática da Língua Inglesa pelo XXX (1996); aperfeiçoamento em English Language Program pela XXX - USA (1993); mestre em Lingüística pela XXX (2009) com a dissertação "XXX".

2) Há quanto tempo você trabalha como tradutor(a)?

Trabalho com tradução desde o término de minha graduação em 1993. Fui proprietária de uma empresa de tradução em São Paulo, XXX, no período de 1995 a 2003 atuando como tradutora técnica. Iniciei a docência em tradução em 1999 na XXX com disciplinas teóricas e práticas de tradução e interpretação e, desde 2003, estou na XXX ministrando as mesmas disciplinas e coordenando o Centro de Traduções (espaço de estágio aos alunos do curso de tradução).

3) Que áreas você traduz?

Áreas técnicas, especialmente engenharia, informática e resumos acadêmicos (abstracts) em diversas áreas.

4) Fale sobre as vantagens e as desvantagens da profissão de tradutor.

Uma das principais vantagens em ser tradutor é a possibilidade de ter acesso a várias fontes de informação em língua estrangeira, é poder conhecer culturas e povos diferentes, é tornar-se mais tolerante frente às diversidades culturais, é aprimorar constantemente a sua comunicação e aprendizado, é ser uma ponte entre línguas e culturas diferentes. Considero vantajosa a possibilidade do tradutor poder trabalhar em diversos setores (editoras, agências de tradução, consulados, hotéis, órgãos governamentais, aeroportos, imprensa, etc) bem como o fato do trabalho poder ser realizado de forma escrita (tradução), oral (interpretação) além de audiodescrição e tradução audiovisual (legendagem e dublagem). Muitos tradutores trabalham em casa, como freelance, o que oferece comodidade ao tradutor que pode gerenciar seu horário de trabalho ou ter uma segunda atividade (revisor, professor de línguas). Também existem os tradutores que trabalham em empresas ou órgãos públicos com horário fixo, carteira assinada e vínculo empregatício, porém em número menor. A demanda por tradutores (técnicos e literários) e intérpretes é grande e faltam profissionais qualificados no Brasil, pois o mercado está em forte expansão. Os eventos esportivos que estão por acontecer em 2014 e 2016 aumentam a oportunidade de trabalho. Bons tradutores são sempre solicitados para novos serviços.

Como principal desvantagem, ressalto a ausência de regulamentação – não há a necessidade de diploma para o ingresso na área. Apenas os Tradutores Públicos

e Intérpretes Comerciais possuem regulamentação (Decreto 13.609 de 21 de outubro de 1943) e não há consenso entre os próprios tradutores sobre a necessidade de regulamentação, o que pode ser observado em discussões nas redes sociais. Entretanto, o próprio mercado de trabalho, apesar de não exigir a formação acadêmica, absorve apenas os profissionais competentes, descartando aqueles que fazem da profissão apenas um “bico” ou uma atividade passageira.

5) O que você acha das tecnologias de apoio à tradução?

As tecnologias afetaram e continuam afetando todos os setores da atividade humana e não poderia ser diferente com a atividade de tradução. As tecnologias de apoio à tradução (computador, internet, corretores ortográficos e gramaticais; dicionários eletrônicos; bases de dados terminológicos; *corpora* eletrônicos, sistemas de tradução automática e memória de tradução) afetaram a prática tradutória e até mesmo redefiniram algumas das tarefas do tradutor. Estes recursos conferem agilidade e aumento de produtividade à tradução mantendo a competitividade do profissional no mercado de trabalho. Porém, requerem altos investimentos e aprendizagem da tecnologia envolvida, é o caso das memórias de tradução. Ao contrário da tradução automática, que parecia representar uma ameaça à função do tradutor, a memória de tradução apresenta-se como verdadeira aliada ao tradutor por gerenciar a tarefa tradutória e não traduzi-la automaticamente. As agências de tradução exigem sua utilização por parte dos tradutores agenciados, entretanto, pedem desconto ou não pagam por segmentos que apresentem repetições internas (100% de repetição no mesmo texto), externas (ocorrências contidas na memória de tradução da agência) ou *fuzzy match* (ocorrências com pequenas alterações) representando uma redução no valor a ser pago pelos serviços do tradutor.

6) Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela sociedade?

A área de tradução é marcada por uma invisibilidade social e textual do profissional: não existe um número oficial de tradutores que atuam no Brasil, exceto de tradutores “juramentados” (Tradutores Públicos e Intérpretes Comerciais); a população em geral desconhece o papel do tradutor criando crenças sobre a tarefa tradutória, tais como, basta apenas um bom dicionário ou

saber uma língua estrangeira para ser um tradutor, todo tradutor é um traidor; apesar da lei de direito autoral exigir que o nome do tradutor apareça na obra publicada e nas referências (segundo a ABNT), muitas vezes a mídia omite seu nome em resenhas, anúncios e listas de livros mais vendidos, exceto em caso de crítica ou má tradução; até mesmo nas teorias tradicionais de tradução, o tradutor deve produzir textos que não pareçam traduzidos, o que colabora com sua invisibilidade. Porém, muitos esforços estão tirando o profissional de tradução da invisibilidade – é o caso das redes sociais, dos eventos, simpósios, congressos, publicações especializadas na área (impressas e online), e o próprio mercado de trabalho que, como mencionado anteriormente, absorve apenas os profissionais competentes, qualificados para a importante tarefa de traduzir.

Respondente 5

1) Qual é sua formação?

Sou formado em Comunicação Social. Nunca exerci a profissão oficialmente. Sou músico, artista e tradutor (não oficial).

2) Há quanto tempo você trabalha como tradutor(a)?

Considero que meu trabalho ‘sério’ como tradutor começou em 2009, com meu primeiro cliente fixo (trabalhamos juntos até hoje). Em 2003 (e por 1 ano) eu já era funcionário fixo e traduzia para uma empresa filiada à XXX, colocando todos seus processos escritos do português para o inglês. Mas como era funcionário, com salário fixo, não traduzia com o afincamento de querer melhorar ou manter o cliente. Eu era bem novo e queria mais entrar e sair da empresa o mais rápido possível. E eu tive meu primeiro contato com a tradução em 1997, quando voltei a morar no Brasil depois de passar toda a infância (13 anos, dos 4 aos 17) nos EUA. Traduzia (bem mal) textos ou coisas para amigos e familiares.

3) Que áreas você traduz?

A maior parte das minhas traduções lida com as áreas de negócios e marketing.

4) Fale sobre as vantagens e as desvantagens da profissão de tradutor.

Eu não me considero ‘profissional’ da tradução. Nunca estudei, nunca fiz curso –

tirando uma semana para aprender a legendar na XXX. É uma maneira rápida e fácil de ganhar dinheiro. Eu faço bem feito e com amor, sim, mas não iria até o fim do mundo pela profissão, como faria com minhas atividades de música e arte. Mas em relação às vantagens... é fácil e rápido para mim. Dependendo do cliente e projeto, o retorno financeiro é ótimo para o que eu preciso.

A desvantagem é que, por ser tão fácil e rápido, vejo que às vezes é viciante, e deixo de fazer outras coisas que me satisfaria mais do que ganhar o retorno financeiro que a tradução proporciona.

5) O que você acha das tecnologias de apoio à tradução?

Ótimas. Quanto mais tecnologia e mais precisas forem, melhor. Ajudam a agilizar o processo. Por enquanto não vi uma agilidade maior (como a que o Google Translate supostamente proporciona) se transformar em menos retorno financeiro. Ou seja, não vi empresas pagarem menos ao tradutor só porque existe um recurso que dá uma pequena agilizada ao tradutor. Quanto aos softwares como Wordfast, que cria banco de dados de palavras e frases para agilizar a tradução, não posso comentar. Não uso para traduzir, apenas para editar traduções já feitas. Por mais avançada que a tecnologia seja para traduzir, ela não irá substituir o conhecimento e feeling do tradutor em suas escolhas de palavras, frases e sintaxe. Tem muita cultura e conhecimento envolvido, muito entendimento de dois países (por exemplo, Brasil e EUA) para um software computar. Muitas nuances de como interpretar e traduzir um texto.

6) Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela sociedade?

No geral, é visto de forma negativa, no sentido de que quem não conhece e nunca teve contato com os serviços de tradução (ou seja, a maioria das pessoas) veem a profissão com desdém. Pensam que é moleza e que não é 'trabalho de verdade'. Já sofri, e sofro esse preconceito, com amigos engenheiros e administradores me ligando e falando: "Muito trabalho aí? Que vida boa, hein". É um reflexo do que a maioria pensa (sei disso, pois como músico e artista, é obviamente a mesma situação, só que mais intensa, claro). Para quem trabalha e precisa do serviço de tradução, é bem visto. Algo refletido pelo bom dinheiro que pagam por seu trabalho, nos casos das áreas de publicidade e marketing.

Respondente 6**1) Qual é sua formação?**

Curso de Tradutor/Intérprete – XXX

Conclusão: 1998.

2) Há quanto tempo você trabalha como tradutor(a)?

Desde 2000 - há treze anos.

3) Que áreas você traduz?

Maior experiência em legendagem, mas traduzo artigos das áreas de marketing e Rh.

4) Fale sobre as vantagens e as desvantagens da profissão de tradutor.

-Vantagens: é uma profissão que exige muita pesquisa, então o aprendizado é constante; a oportunidade de trabalhar em casa.

-Desvantagem: a profissão não é valorizada como devia, portanto, a questão do pagamento é um sério problema.

5) O que você acha das tecnologias de apoio à tradução?

Na época da faculdade, como não havia internet, tudo era muito difícil e demorado. Hoje, temos qualquer assunto ao alcance das mãos, o que facilita enormemente a vida de todos. Há também os programas Wordfast e Trados, que auxiliam e dinamizam o processo de tradução.

6) Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela sociedade?

O trabalho do tradutor não é reconhecido como deveria. Muitas pessoas acham que só porque sabem falar algum idioma, já estão aptas a sair por aí traduzindo, ou, então, acham que o tradutor do Google resolve qualquer problema. Sem contar o preço que querem pagar pelo nosso trabalho. É preciso sempre chegar a um meio-termo, senão sairemos perdendo sempre.

Respondente 7**1) Qual é sua formação?**

Bacharelado em Ciências da Computação pela XXX (XXX). Trabalhei por 6 anos como analista de sistemas antes de me tornar tradutor.

2) Há quanto tempo você trabalha como tradutor(a)?

5 anos e meio.

3) Que áreas você traduz?

Informática, Internet/sites, softwares, jogos de videogame/online, comunicados à imprensa, recursos humanos, turismo, manuais de equipamentos, direito, engenharia, comunicação interna de empresas, marketing.

4) Fale sobre as vantagens e as desvantagens da profissão de tradutor.

Vantagens:

- Flexibilidade de horário
- Flexibilidade de local de trabalho, que pode ser em qualquer lugar do mundo, contanto que tenha Internet
- Trabalhar para várias empresas de vários países, e ter vários clientes é bom, pois sempre vão mandar materiais para traduzir e não preciso depender apenas de uma empresa
- Receber pagamentos em dólares, euros ou libras e morar no Brasil gastando em reais, o câmbio é muito favorável
- Poder escolher as empresas que pagam melhor
- Conhecer vários assuntos e ler materiais que normalmente eu não leria, ampliando meus horizontes
- Poder viajar e tirar férias quando quiser sem me preocupar com burocracia de trabalhar em um local fixo, e continuar trabalhando se eu quiser e se a viagem for longa
- Não ter um chefe, ou seja, ser o seu próprio chefe

Desvantagens:

- Ter que ser organizado para fazer previdência privada

- No caso de trabalhar como autônomo, não ter os direitos trabalhistas, pois é apenas uma prestação de serviço, então se acontecer algum acidente e a pessoa ficar sem trabalhar, pode ser difícil financeiramente

5) O que você acha das tecnologias de apoio à tradução?

Bastante necessárias, pois ajudam muito o trabalho, além de manter a coesão das traduções quando vários tradutores trabalham no mesmo projeto. E também tornar a tradução mais rápida, evitando traduções repetidas que já estejam na memória de tradução.

6) Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela sociedade?

Muitas pessoas não conhecem esse trabalho, inclusive pessoas que estudam Letras. Todos pensam que quem conhece idiomas pode trabalhar dando aulas, mas dificilmente pensam que se pode ser tradutor. Achem que não é uma profissão séria ou que não se pode ganhar dinheiro com isso. Minha própria mãe acha que eu não tenho um trabalho, apesar de eu já ser tradutor há mais de 5 anos e ganhar 3 ou 4 vezes mais do que ganhava como analista de sistemas no XXX e ter muito mais liberdade fazendo o que gosto. Muitos acham que o trabalho de um autônomo não é um bom trabalho e nem é seguro.

Respondente 8

1) Qual é a sua formação?

Eu não possuo formação em tradução. Na época em que comecei, eu trabalhava como professor de inglês numa escola de idiomas, e conheci uma pessoa que trabalhava na XXX e vislumbrei a possibilidade de traduzir filmes, por gostar muito de cinema. Fui conversar com a supervisora do Departamento de Tradução da empresa, fiz um teste, passei e recebi um treinamento. Nunca mais parei.

2) Há quanto tempo você trabalha como tradutor?

Há 18 anos.

3) Que áreas você traduz?

No momento, eu trabalho principalmente para uma empresa que faz dublagens e legendagens para os canais XXX. São episódios para a TV a cabo, de 30 ou 60 minutos, 90% deles dublados, sobre os mais diversos temas. Além disso, faço a versão para o inglês do XXX, guia bimestral com todas as exposições da cidade em galerias e museus.

4) Fale sobre as vantagens e as desvantagens da profissão de tradutor.

As vantagens: poder trabalhar em casa, não precisar enfrentar o trânsito da cidade, a flexibilidade total de horários, não ter que conviver com chefes e supervisores, aprender um pouco sobre os mais diversos assuntos. As desvantagens: prazos quase sempre exíguos, tabela de valores quase sempre defasada em relação à inflação do período.

5) O que você acha das tecnologias de apoio à tradução?

Antes do Google e dos dicionários on-line, quando eu comecei a traduzir, era extremamente difícil fazer uma tradução técnica ou descobrir o significado de determinada gíria, por exemplo, porque dispúnhamos apenas de dicionários em papel, obviamente limitados e defasados. Eu cheguei a ir a bibliotecas públicas para pesquisar determinadas palavras. Hoje está tudo absolutamente mais fácil e rápido.

6) Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela sociedade?

Infelizmente apenas os tradutores literários têm algum tipo de reconhecimento. Nos episódios que eu traduzo para os canais XXX, o tradutor sequer recebe os créditos – apenas a empresa que fez a dublagem / legendagem. Eu me lembro que, quando comecei a trabalhar, há 18 anos, um tradutor mais experiente me disse: “Tradutor é como juiz de futebol – só aparece quando faz besteira”. E eu me acostumei a isso. Nós podemos traduzir 100 mil palavras com perfeição; mas, se errarmos uma, seremos execrados por ela.

Respondente 9**1) Qual é a sua formação?**

Letras - Português - Inglês e mestrado em comunicação.

2) Há quanto tempo você trabalha como tradutor(a)?

Aproximadamente 10 anos.

3) Que áreas você traduz?

Filosofia, Romances, Comunicação, Comercial, Medicina, Direito (não técnico, mas contratos ou da área comercial relacionada a direito).

4) Fale sobre as vantagens e as desvantagens da profissão de tradutor.

Atualmente não vejo mais grandes vantagens nessa profissão, visto que, além de ser uma atividade extremamente solitária, não é rentável.

Quando comecei ganhava, proporcionalmente, 10 vezes mais do que estão pagando agora. Outra desvantagem é que os prazos são sempre muito apertados e se você não aceitar não tem chance de pegar o trabalho.

5) O que você acha das tecnologias de apoio à tradução?

Facilitam o trabalho do tradutor, mas muitas vezes são tão complicadas que não valem à pena.

6) Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela sociedade?

Creio que seja um trabalho totalmente ignorado pela grande maioria das pessoas. Só quem precisa dela dá algum valor.

Respondente 10**1) Qual é sua formação?**

Sou formada em engenharia química, com mestrado em engenharia de alimentos. Depois de alguns anos dando aulas na área de tecnologia de alimentos, e insatisfeita (por vários motivos) com os rumos que minha vida tomava, comecei a dar aulas de inglês, o que por sua vez me levou a fazer traduções esporádicas. A escola onde eu dava aulas tinha um jornalzinho que publicava letras de canções

(especialmente baladas e rock) traduzidas para o português e eu traduzi algumas canções para o jornal. Fiquei sabendo do concurso promovido pela Jucesp, em 1999, para tradutor juramentado, e resolvi prestá-lo. Passei. Então em 2000 eu comecei aos poucos a fazer alguns trabalhos como juramentada. Eu não me sentia muito à vontade na tradução de contratos, que era o que mais aparecia para traduzir, e fiz um curso intensivo sobre isso. Nele eram ensinados os rudimentos do Direito Comercial e aprendia-se a tradução das expressões mais frequentes em contratos no inglês. Mas não gostei muito, e continuei não me sentindo à vontade no assunto. Por sorte, nem precisei colocar em prática o que estudei no curso de direito comercial, pois assim que acabou o curso, apareceu uma oportunidade de trabalho na XXX, na época reprodutora de vídeos e DVDs, com um departamento de tradução e legendagem. Fiz o teste e o treinamento que, na época, consistia em traduzir vários trechos de diferentes filmes, durante um mês, com supervisão posterior de dois tradutores/revisores com larga experiência em legendagem. Comecei a traduzir vídeos e filmes para DVD e me apaixonei pelo ofício. Nunca mais parei. Depois de um tempo traduzindo bastante (rotineiramente, ia todos os dias à Videolar), comecei a sentir falta de um embasamento teórico, e fiz o curso de Especialização em Tradução da XXX. Gostei da experiência e fiz mestrado em Estudos da Tradução, na XXX. Atualmente estou no meio do processo seletivo para tentar uma vaga no doutorado em Estudos da Tradução da XXX.

2) Há quanto tempo você trabalha como tradutor(a)?

Comecei a traduzir profissionalmente (dando expediente na empresa, e tudo) em junho de 2000, há 13 anos.

3) Que áreas você traduz?

No começo traduzia especialmente audiovisual: DVDs de documentários, filmes de qualquer gênero (românticos, dramas, comédias), seriados, desenhos animados, filmes de futebol, espetáculos, shows, letras de música, filmes institucionais. Hoje traduzo textos também: matérias jornalísticas, artigos acadêmicos, material publicitário, textos literários, poéticos.

4) Fale sobre as vantagens e as desvantagens da profissão de tradutor.

A vantagem maior que eu vejo é fazer o que se gosta. Quando a gente descobre o que gosta de fazer, difícil é não fazer. Mas isso serve para qualquer profissão. No meu caso, amo lidar com textos, traduzir, editar, encarar os desafios, por exemplo, de verter um trocadilho (ou rimas, aliterações, expressões idiomáticas etc.) para outra língua. Mas há vantagens práticas também: trabalhar em casa, sem horário fixo; interromper o trabalho e sair da sala no momento que precisar/desejar sem ter de dar explicações para o ‘chefe’; ser dona do próprio tempo (em termos) e do próprio nariz (quase sempre). ☺ O fato de trabalhar de maneira autônoma, por exemplo, me dá a possibilidade de recusar um trabalho que eu julgue não se encaixar no que considero ético. Ter essa liberdade de pensamento e atuação é uma tremenda vantagem. A desvantagem é o isolamento, a escassa troca de ideias com outros profissionais. Supro isso escrevendo emails para os amigos e colegas, organizando encontros, apresentando trabalhos na sala de aula, em jornadas, em congressos. Acho muito importante ter um retorno daquilo que você faz, seja na forma de comentários, de sugestões, de críticas. A gente sempre cresce e ganha ao compartilhar.

5) O que você acha das tecnologias de apoio à tradução?

Acho que vieram para ajudar o tradutor (não admira que se chamem “tecnologias *de apoio* à tradução” ☺), especialmente no que concerne o tempo despendido e homogeneidade do texto final. As tecnologias ajudam o tradutor a manter o texto relativamente homogêneo em estilo e em terminologia ao ‘memorizar’ termos usados previamente e no decorrer da tradução. Não só termos isolados, mas também passagens inteiras de um mesmo texto traduzido. Em traduções técnicas, de textos com instruções para manuseio de uma máquina ou produto, por exemplo, é importante que terminologias que se repetem (ou instruções que se repetem) sejam traduzidas aproximadamente da mesma forma no decorrer do texto como um todo, para facilitar sua leitura pelo consumidor. Se bem traduzido, o texto técnico homogêneo como um todo torna-se “consumer-friendly” – voltado para o bem-estar do consumidor.

Não tenho usado nenhuma memória de tradução ou outra tecnologia de apoio à tradução (a não ser o computador e dicionários online), porque tenho trabalhado

com textos poéticos e literatura infantil. Ambos os gêneros fazem muitos jogos com a linguagem e acho que nenhuma 'tecnologia de apoio à tradução' atualmente existente é adequada para o tipo de texto com que trabalho.

6) Como você considera que o trabalho do tradutor é visto pela sociedade?

O trabalho do tradutor técnico não é muito bem visto pela sociedade. Aliás, o trabalho do tradutor, de um modo geral (não só o do tradutor técnico), é pouquíssimo valorizado pela sociedade. Acho que é possível afirmar que o trabalho de um tradutor em geral só é bem visto e bem avaliado por outro colega de profissão, outro tradutor.

O único trabalho de tradução razoavelmente bem pago e bem valorizado é o de intérprete de conferência. Os outros tradutores ganham mal, são pressionados pelos clientes para entregar o produto no menor tempo possível, e são vistos pela sociedade como descartáveis; ou, melhor dizendo, são vistos como rápida e facilmente substituíveis. Mesmo nos setores mais esclarecidos da população, como o dos professores universitários, é comum ouvir pedidos de tradução no final da tarde, com a famosa solicitação, em tom de 'chorinho': "Ah... não dá pra me entregar amanhã? É tão fácil! São só cinco pagininhas..."